

ZERO

Florianópolis, dezembro de 1987

DOCUMENTO

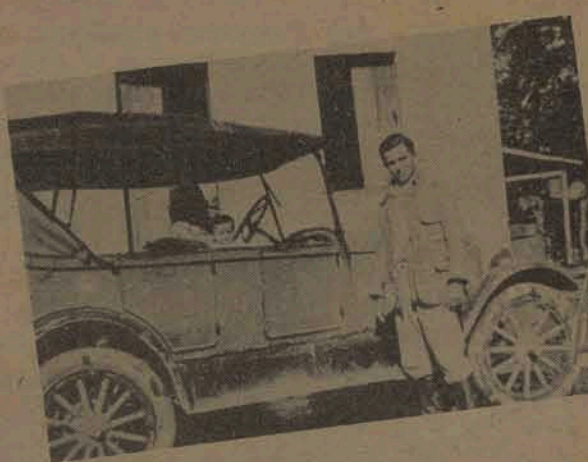


FOTO: ARQUIVO/ZERO



FOTO: VALDEMAR ANACLETO



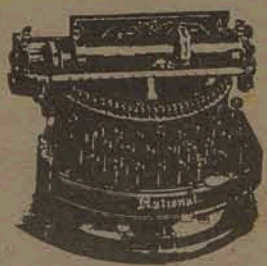
FOTOS: ARQUIVO/ZERO



Um mergulho
no passado,
na gente,

A ILHA

costumes
e lugares
de Florianópolis



ZERO DOCUMENTO

Jornal Laboratório do
Curso de Comunicação
Social da Universidade
Federal de Santa Catarina.

Textos: Analú Zidko, Arley Reis Machado, Carla Cabral, Carlos Alberto Locatelli, Dauró Veras, Denyris Laurindo Rodrigues, Ilka Golschmidt, Joachim Schmitz, Karin Veras, Karla Bastos, Luciene Guimarães Abdo, Mara Schuster, Maria Alaivi Macarini, Maria Cristina Yoshizato, Marques Edilbert Casara, Milene Correa, Rozana Maria De Moliner, Roseli de Souza, Rute Enriconi, Sabrina Franzoni e Sônia Bridi.

Diagramação: Analú Zidko, Arley Reis Machado, Denyris Laurindo Rodrigues, Ilka Golschmidt, Joachim Schmitz, Karin Veras, Karla Bastos, Mara Schuster, Rozana Maria De Moliner, Rute Enriconi e Sabrina Franzoni.

Fotografia: Analú Zidko, Carla Cabral, Joachim Schmitz, Karin Veras, Maria Alaivi Macarini, Maria Cristina Yoshizato, Marques Edilbert Casara, Luiz Philippe de Arruda, Roseli de Souza, Sabrina Franzoni e Simone Dias.

Laboratório Fotográfico: Carla Cabral, Luiz Philippe de Arruda, Rozana Maria De Moliner e Joachim Schmitz.

Ilustrações: Frank e Franklim Cascaes

Edição, Coordenação e Supervisão: Henrique Finco e Ricardo Barreto

Pesquisa de textos e fotos: Disciplina de "Fotografia Comparada", Professor Henrique Finco

Telefone (0482) 33-9215

Telex: (0482) 240 BR

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis, SC.

Composição, Revisão, Acabamento e Impressão: Empresa Editora O Estado.

Distribuição Gratuita.

Circulação Dirigida

Não tem?!

Zero Documento é uma tentativa de resgatar a memória de Florianópolis dos últimos 50 anos, o que não foi plenamente conseguido. Isto aconteceu nem tanto pelas limitações de tempo e recursos, próprias de um curso de comunicação, como principalmente pela desorganização e pulverização dos arquivos públicos e privados, além da dificuldade de acesso aos poucos existentes.

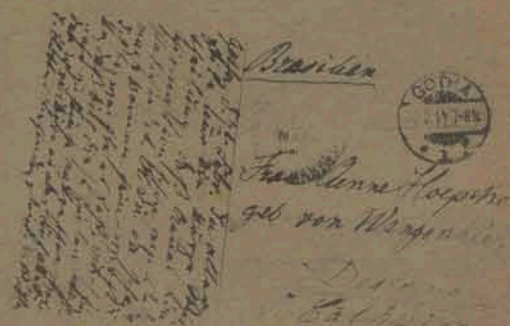
Alguns arquivos foram encontrados em depósitos abandonados; de outros conseguimos apenas saber que haviam desaparecido. Contudo, embora muitas estejam abandonadas ou irremediavelmente perdidas, ainda existem boas fontes de pesquisa, das quais algumas foram utilizadas por nós.

Algumas dessas fontes são as próprias pessoas que vivenciaram este período, no qual Florianópolis sofreu as maiores transformações desde seu nascimento. A memória humana tende a privilegiar momentos que te-

nham um grande grau de afetividade por quem os vivenciou e, assim, a "realidade" nunca é a mesma para diferentes protagonistas de um mesmo acontecimento. Por exemplo: em alguns relatos, as pessoas afirmavam que não havia o costume de ir à praia, como se faz hoje. Outras, recordam com saudade de antigos balneários, como as praias de Coqueiros. Muitas destas contradições, sabemos disso, podem ser creditadas a diferenças de classe social: para quem trabalhava na pesca e na roça — é bastante provável — a praia representava um espaço de trabalho e não de lazer. O que acontece ainda hoje.

O tom dos textos elaborados por nós muitas vezes é saudosista, como foram saudosistas muitos dos relatos que colhemos. Temos consciência de que no passado também existiam a intolerância, a superstição, conflitos, doenças, etc. Mais ou menos como hoje.

Este aparente saudosismo talvez



não signifique apenas uma idealização do passado. Provavelmente ele representa a recusa da necessidade de existir a miséria, a violência e a feiúra que estão entre nós e, de certa forma, também em nós. Na verdade, vale a pena buscar o paraíso e ele pode ser encontrado exatamente aqui onde vivemos, ou em qualquer outra parte do mundo. Muitos afirmam que para isto basta deixar de existir a exploração do homem pelo homem. É bastante provável que seja assim.

Platonicamente

Carlos A. Locatelli

A ilha da fantasia. É isso que todos vêm buscar aqui. Andar sobre o mar, pela ponte, vista só em postais e na televisão. Experimentar a decepção. Por ela já não se passa mais. O esqueleto negro, que se impõe entre dois pedaços de terra, com um mar nem sempre azul molhando suas pernas, não suporta mais o peso dos anos e dos automóveis.

Como as famílias empurradas para os morros, o mar foi forçado a ser retirado, levando junto o Miramar, o cais do Mercado. Saíram os barcos, vieram os ônibus. Com eles a ficção arquitetônica da rodoviária.

Mas a velha figueira está lá — ainda bem. Pelo menos as moças têm esperanças de casar — dando três voltas — e os aposentados, camelôs, prostitutas e vagabundos sem teto. Os galhos cresceram, quase tocando as escadas da Catedral, que já não é o prédio mais alto, nem lugar de lamentações. Diretas já, co-

mícios, greves, utilizam aquele palco. Nas ruelas alguns sobrados resistem, outros deram lugar ao progresso vertical.

Águas calmas, morros verdejantes, dunas douradas tocam o coração do Morro da Lagoa. O esgoto toca o estômago lá em baixo. Os rostos calejados de

sol, os barcos soltando a tinta. A pesca não fez os homens ricos. O turismo, alguns.

E muita gente parada na Felipe. Essa não é a terra da pressa. Ainda mais que um curió está dobrando e deu cobra no primeiro prêmio da Federal.



Poesia / Karin Veras

Ilha da fantasia
Mar, rendeira, tradição
Paz, natureza, corrupção
A ilha do tudo já teve... ainda tem...
...porém transformados:
Artesão virou artesanato industrial,
a renda um barato individual
Turistas são a fonte de renda, da
renda, ou sei lá
Mares poluídos são ofertados a Iemanjá
Fortes construídos não serviram para a defesa,
mas hoje são ruínas de rara beleza
Escritores e artistas ora apadrinhados
hoje são senhores e soldados
Permanece o "senadinho", a Câmara e o "morro"
Permanecem as contradições que acentuam o nome do povo:
"Prioridade aos pequenos", enquanto os grandes desfazem a rede: pois peixe artesanal, já não tem no Pantanal
A ilha outrora esquecida, hoje é notícia de jornal:
Patinha, AIDS e muito "rolo" policial
Aqui não se conta mentira, o colóquio é a própria fantasia
Vivemos numa ilha
Quem pode fugir do mar?
Ele vai, ele vem
tem histórias pra contar...

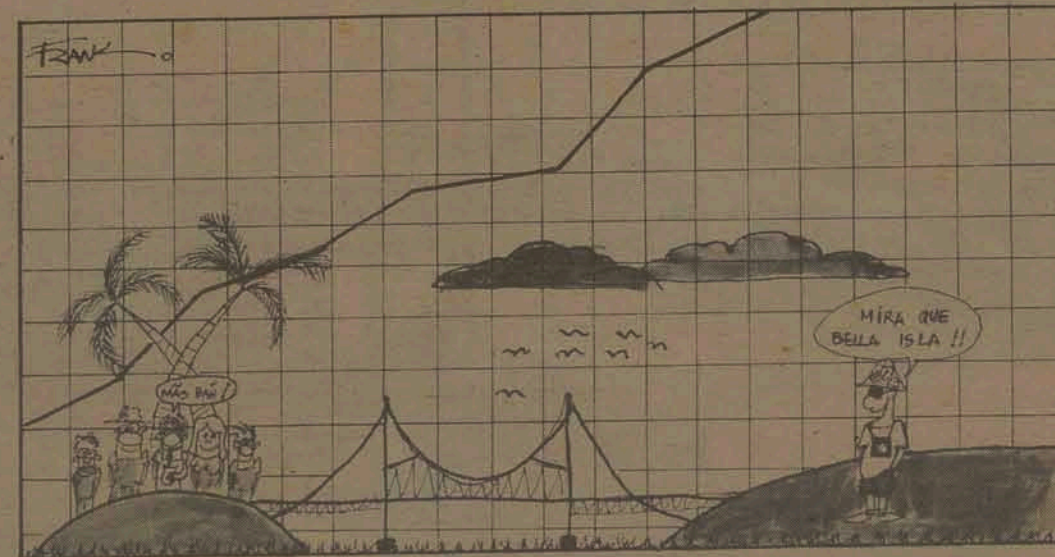
City-tour

Textos: Dauro Veras

Brasileiras e brasileiros! Argentinas e argentinos, ou de onde quer vocês sejam... Apertem os cintos de segurança do ônibus, pois estamos chegando em Florianópolis, capital de Santa Catarina. Vejam, ali do outro lado do mar fica a ilha. Nós, é lógico, estamos no continente. Agora relaxem, abram as pernas e os mapas turísticos enquanto aguardamos o fim do engarrafamento matinal da ponte Colombo Salles.

Veja, dona Matilde, estamos neste exato momento sobre as águas da Baía Norte, não é interessante? Lá embaixo fica a criação de coliformes fecais para exportação. A firma responsável é a CAGAR — Companhia de Agricultura Aquática Regional — de economia mista: o estado dá infraestrutura enquanto a matéria-prima é fornecida pela iniciativa privada! Ha! Ha! Ha! Ha! Não é interessante?

Olhem só que lindo, chegamos ao centro da cidade! Floripa não tem arranha-céus porque o plano diretor da ci-



dade só permite prédios de no máximo 12 andares. Mas sempre aparece uma exceção, é claro. Estão vendo aquele edifício redondo ali, de vidro fumê, igualzinho a um charuto? É o Fórum e tem 14 andares. Assim os juizes podem enxergar tudo por cima pra poder julgar melhor.

Agora pegamos a avenida Beira-Mar Norte e estamos indo ao parque ecológico do Itacorubi. Enquanto não chegamos, recostem em suas poltronas e apreciem a paisagem. Do lado esquerdo vemos outra vez a Baía Norte e o calçadão.

Não é romântico? Casais trepando de mãos dadas, crianças cheirando cola enquanto apreciam o visual, velhinhos curtindo alegremente um enfarte após o cooper para começar bem o dia. Esse lugar é também um santuário onde são preservadas belíssimas espécies de ratazanas de esgoto. Graças ao esforço de gerações e gerações de homens e ratos, hoje esses animazinhos (homens e ratos) já se difundiram por toda a cidade e não há mais perigo de extinção. Não é interessante?

Mas vejam, estamos che-

gando ao Parque Ecológico do Itacorubi! Acorde, doutor Aristolfo, isso não é hora de tomar a mamadeira. Senhorrta Melanie, há duas horas você e seu primo Eurico estão aí dentro do banheiro, venham pra fora ou vão perder o espetáculo. Lindo, não?! Todos os dias os bondosos habitantes da cidade mandam toneladas e toneladas de lixo para alimentar os urubus da reserva. As aves fazem a festa. Vamos dar um passeio entre as colinas. Tapem os darizes, que o jeiro é forte. Mas é só nos primeiros minutos, depois

a gente se acostuma. Dona Eulália, o que houve? A senhora está tão pálida... Será que foi o jantar de ontem na lanchonete da estrada? (A velha desaba). Não foi nada, pessoal, vamos caminhando. A senhora fica aqui em cima dessas melancias, tomando um pouco de ar. Vejam só ali na frente, que lindo montículo de lixo hospitalar! Um igualzinho a esse ganhou menção honrosa na última Bienal.

Ali na frente fica o mangue, onde a Universidade Federal de Santa Catarina está fazendo experiências com piscicultura. Não é interessante? Um montão de espécies convivem em harmonia no mesmo habitat: peixe-pneu, peixe-bota, lata marinha... O peixe-bota, pra quem não sabe, é fêmea do boto, mas o macho não se adaptou neste líquido. Tudo bem, o animalzinho que ficou se acasala com um parente, o peixe-bosta. Ah, ia esquecendo de dizer... a universidade está despejando também uns metais pesados no mangue, pra dar uma agitada no pedaço! É um lou-cura, a fauna e a flora jovens vibram demais com o heavy-metal.

Mas vamos indo, ainda temos muita coisa pra ver...

Aquele verão no litoral catarinense foi memorável e ficou para sempre gravado nos anais da História como "o verão da lata". Elas chegaram de mansinho, boiando no mar, assim como quem não quer nada. Centenas, milhares delas. Latas metálicas cheias de cannabis (variedade indiana), cujo destino original era a Austrália, mas que terminaram sendo desovadas na costa brasileira por um barco holandês, pra "não dar o serviço pros home".

Do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, tal como uma invasão de marines norte-americanos muito doidões, elas foram desembarcando nas praias. Grande parte foi apreendida pela polícia, ou encontrada por pescadores que as entregaram às autoridades. Mesmo assim, muitas latinhas se salvaram, sendo resgatadas por surfistas, banhistas, campistas, artistas e outros istas (jornalistas?)

As bichinhas chegavam cansadas depois de tanto nadar. Temendo pela vida das naufragas, os salva-vidas fize-

ram respiração boca-a-boca nas mais debilitadas, aquecendo o conteúdo no fogo para que elas se recuperassem da experiência traumática do oceano.

Houve alguns mal-entendidos. Um gaúcho que passava de boeira pela praia encontrou uma lata e confundiu seu conteúdo com erva de chimarrão. Foi pra casa muito alegre preparar o petisco, mas ao começar a sorver o líquido quente da cuia, sentiu um gosto meio diferente.

— Arruinou, tchê!, disse ele, fazendo uma careta e cuspiendo na parede.

Resultado: o "chimarrão" foi parar no galinheiro, como ração improvisada. Nas semanas seguintes o gaúcho notou atitudes estranhas em suas penas: não cacarejavam mais, chocavam ovos de penas pra cima, queriam voar como pardais... O galo passou a cantar blues e rock'n'roll no alvorecer — com um pequeno lapso horário: só acordava depois do meio-dia, se não chovesse. Os ovos daquele sítio se tornaram famosos num raio

de quilômetros, passando a substituir chá de maracujá como calmante da comunidade.

Em Florianópolis, um campeonato de surfe dissidente do Op-pro instituiu como troféu ao primeiro colocado, advinhem o quê... uma latinha. Um conhecido poeta da Ilha, Fininho, compôs um hino alternativo para a cidade: "Rancho de amor à lata", que logo estourou nas paradas de sucesso das rádios-piratas.

O verão ia a mil por hora; um sol de derreter, bumbuns nas praias, surfistas, cerveja gelada... E um ar difuso de felicidade nos olhos vermelhos da moçada, como se o pique fosse eterno. Mas, assim como o Plano Cruzado, as ilusões não duram pra sempre. As latinhas foram escasseando, a polícia apertou mais um pouco, o tempo passou e a cada dia o sol se punha mais cedo. Era início de outono, ventinho frio levantando minissaias no aterro da Baía Sul, prenúncio de inverno brabo. E lá se foi o verão 88, imortalizado para sempre na História e nas lembranças.

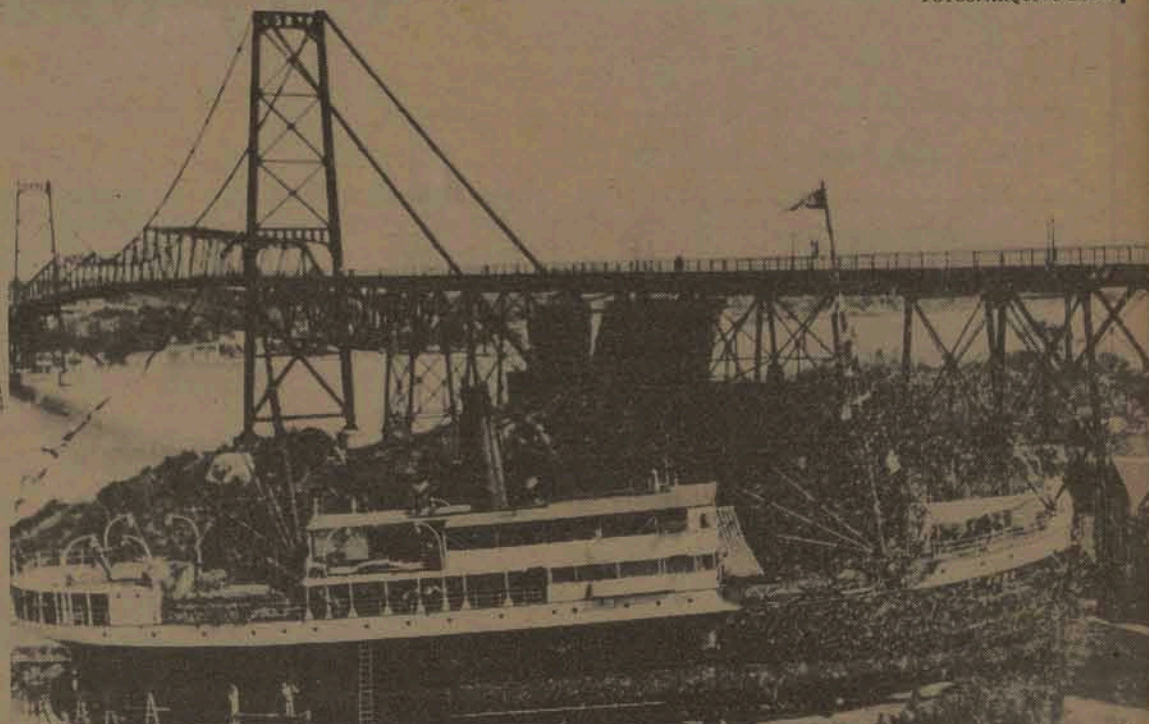
O VERÃO DA LATA





FOTO: ARQUIVO/ZERO

Início da construção em 1922



O genuíno estaleiro Arataca que deu nome ao bar

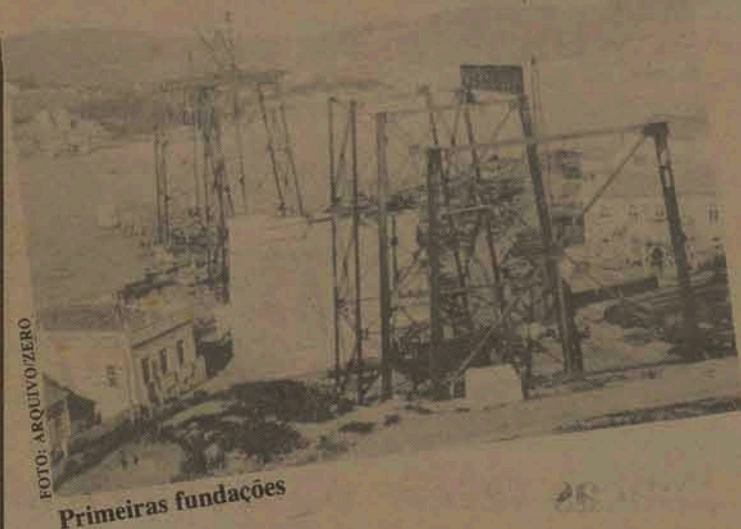


FOTO: ARQUIVO/ZERO

Primeiras fundações



FOTO: NESTOR FAGUNDES

Vista do continente de onde partiam as barcas que muitos custaram a abandonar



FOTO: NESTOR FAGUNDES

Hercílio Luz, nossa musa aos 68 anos

Textos: Roseli de Souza

A 22 de janeiro de 1982 a ponte Hercílio Luz, cartão postal de Florianópolis, era fechada por questões de segurança e para trabalho de conservação. Hoje, após 5 anos, o governo anuncia sua reabertura, nos próximos 40 dias, para pedestres, carros e motocicletas. Alguns técnicos e populares ainda desconfiam da fortaleza de seus pilares e temem seu tombamento. No entanto, mais do que o peso de sua estrutura suas vigas carregam 60 anos de história. História essa que precisa ser resgatada. Sempre.

A Hercílio Luz foi inaugurada no dia 13 de maio de 1926, mas sua história começa muito antes, numa época em que para se atingir a capital era preciso enfrentar o mar, nem sempre dócil e calmo. O hiato existente entre o continente e a ilha prejudicava seu comércio e expansão. Os 40 mil habitantes viviam dependentes do horário de oito lanchas que funcionavam das quatro da madrugada até à noite, transportando tudo. Devido a essa dependência pensou-se até em transferir a capital

do Estado para Lages. Todas essas dificuldades evidenciavam a necessidade de criação de uma ligação mais rápida e menos difícil com o continente.

O INÍCIO

Para dar início à obra, Hercílio Luz conseguiu dois empréstimos de cinco milhões de dólares de banqueiros americanos, dívida esta saldada apenas em 1979. Como o empréstimo demorou, o início da construção marcado para meados de 1919 foi atrasado para novembro de 22, comprometendo-se a construtora Bygton & Sundstron a entregar a obra em 24 meses.

Nas fundações da ponte foram feitos 11.250 metros cúbicos de concreto e empregadas 29 mil barricas de cimento, sendo que dentro da água foi utilizado um tipo especial de aço para resistir à ação corrosiva da água salgada. Todo o serviço de fundações, inclusive pilastras de ancoragem e pedestais estava terminado a 20 de junho de 1924.

MORRE HERCÍLIO LUZ

Tanto empenho para ver construída a ponte, não sustentou Hercílio Luz até a sua inauguração. Em 20 de

outubro de 1924, 12 dias após ter inaugurado simbolicamente uma réplica de 18 metros, em madeira, da ponte que depois levaria seu nome, o governador morreu.

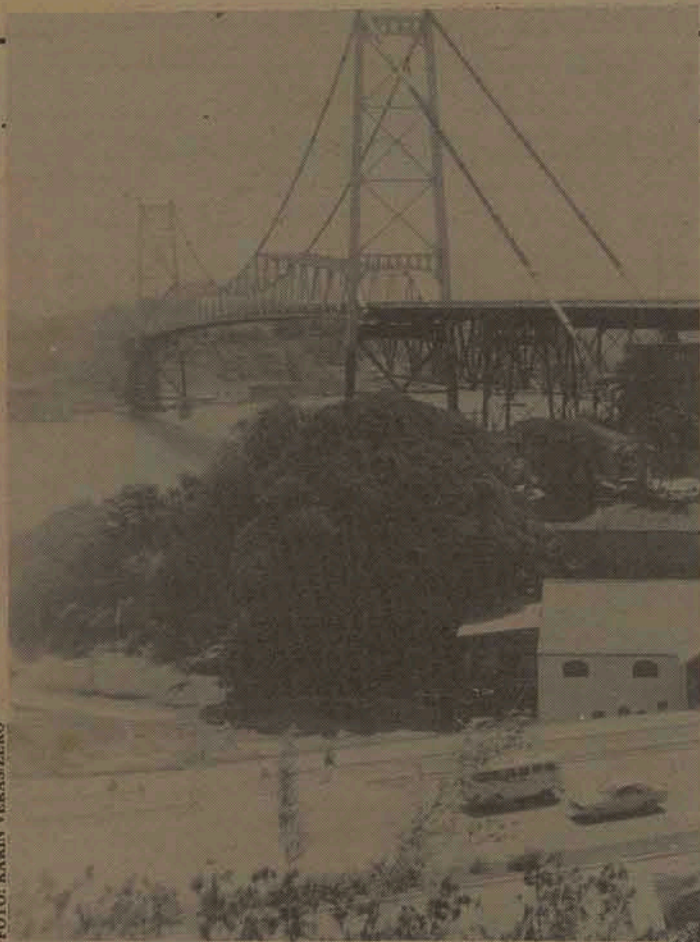
Era vontade de Hercílio Luz que a ponte, com inauguração prevista para 7 de setembro de 1925, fosse chamada Ponte da Independência. Mas o Congresso Representativo do Estado aprovou a mudança do nome para Hercílio Luz, como forma de homenagear seu idealizador, até então ainda vivo.

Mesmo com a morte do governador, os trabalhos de construção não foram interrompidos. A montagem das torres foi terminada em fins de 1924 e a estrutura do vão central pronta em agosto de 1925. Em janeiro de 1936 o assoalho já estava colocado, mas a inauguração da ponte foi retardada para 13 de maio, por não se acharem prontas as ruas de acesso que o governo estava construindo, tanto do lado da ilha como do continente.

DIA DE FESTA

Fazia frio, ventava e chovia no dia em que a Hercílio Luz foi inaugurada. Mas, apesar do mau tempo, 50

O SÍMBOLO QUE UNE



Hoje a ponte é só cartão postal



Elo de Ligação e musa, durante anos

mil pessoas estavam presentes, numa das maiores festas já vividas pela capital.

A cobrança do pedágio, prática dispensada no dia da inauguração, variava de acordo com as categorias tabeladas. Pedestres pagavam um tostão, carrinho de mão ou bicicleta 500 réis, caminhão 3 mil réis e automóveis 20 tostões. O pedágio foi cobrado até o governo de Nereu Ramos, tendo maior arrecadação em 1930, durante uma passeata integralista. O facismo hein?

Entre os anos de 1967 e 1969 a ponte Hercílio Luz teve seu piso de madeira substituído por asfalto. No tempo da ponte com piso de madeira era comum acontecerem incidentes. Não raro uma das tábuas levantava, furando pneus e atrapalhando o trânsito. Quando ônibus ou carros estragavam em cima dela era preciso caminhar, vendo nas frestas do madeirame o mar, às vezes encrespado e ameaçador.

VELHAS HISTÓRIAS

Muitas são as histórias relacionadas com a ponte

Hercílio Luz, algumas delas envoltas num mar de mistério e humor. Um desses casos fala a respeito de uma procissão, a primeira que atravessava a ponte. De repente o balanço era tanto, que assustados, os fiéis deixaram a santa no meio da ponte. Os suicídios também foram tantos, que hoje nem se sabe o número. Histórias de acidentes também não faltam. Contam os mais antigos, que na década de 40, num dia chuvoso e de forte ventania, um jipe desgovernou-se despencou numa prainha (hoje aterrada). O corpo de um dos passageiros ficou caído sobre a buzina, que tocou durante muitos minutos despertando a atenção de todos.

ÚNICA NO MUNDO

Pela forma e materiais utilizados na sua construção, a ponte Hercílio Luz pode ser considerada a única no mundo. De acordo com o projeto de Robinson e Steinmann a ponte, de 818 metros de comprimento e 340 metros de vão pênsil, pode suportar com segurança uma carga conjunta equi-

valente a um trem puxando vagões de trinta toneladas, quatro pedestres por metro quadrado e um encanamento de água com peso máximo de 650 quilos por metro corrente.

A princípio ela foi construída para ser usada durante 30 anos, mas já dura 60. Mas é preciso lembrar, que é necessário um trabalho de conservação constante, uma vez que ela está situada num local muito úmido, sujeito a corrosão de seus metais. No entanto, a preocupação com a segurança da ponte vem desde o momento de sua criação e intensificou-se a partir do governo Ivo Silveira, época em que três das cinco pontes similares a ela caíram. Atualmente apenas a Hercílio Luz e a St. Mary Bridge, em West Virginia — EUA, ainda não caíram. Mas na ponte americana, o tráfego está proibido desde 68, quando a similar sobre o rio Ohio caiu. Foi nessa época que o governo do Estado iniciou os contatos para a construção da Colombo Salles, inaugurada em 75.



FOTO: ARQUIVO/ZERO



FOTO: ARQUIVO/ZERO



A demorada restauração

Poucas verbas comprometem a restauração da ponte

Desde sua inauguração a ponte Hercílio Luz é alvo de um trabalho de conservação sistemático. Na década de 80, a corrosão já se tornara um sério problema, o que determinou uma inspeção mais aprofundada. O órgão escolhido para a inspeção foi o Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo que, diante dos diversos problemas constatados, recomendou em seu laudo final "a recuperação e interdição da ponte devido ao perigo iminente de colapso por peso próprio". Obedecendo as orientações, a Hercílio Luz é interditada no dia 22 de janeiro de 1982, absorvendo nessa época 43,8% do tráfego diário, ou seja, 27 mil veículos/dia.

A escolha da empresa para elaboração do projeto final de recuperação da ponte recaiu sobre a USIMEC, com assessoramento da firma americana Steinmann, Boynton, Gronquist & Birdsall, sucessora do Engenheiro Steinmann, autor do projeto da Hercílio Luz. Durante a inspeção americana ficou constatado o rompimento da barra do olhal, o que representava um perigo bastante grave. Imediatamente foi elaborado um projeto para re-

forço do elo, devolvendo a segurança e diminuindo a tensão nas barras de sustentação.

Segundo José Mauro Pereira, fiscal de obras da ponte, os serviços prosseguiram normalmente até abril de 83, quando o projeto previa a recuperação do vão pênsil. Mas a falta de recursos, devido às enchentes daquele ano, provocou a paralisação dos trabalhos. Situação essa que perdura até hoje. O fiscal esclarece ainda que "todos os serviços realizados na ponte nestes cinco anos, estão relacionados apenas com a sua conservação. O projeto de restauração foi inviabilizado devido à falta de recursos. Uma restauração exigiria 13 milhões de dólares".

Esse trabalho de conservação realizado por 17 homens do DER, consiste em três operações conjugadas: jateamento (jatos de areia que retiram a corrosão), pintura e substituição de peças e elementos danificados. Atualmente o DER realiza trabalhos de troca de madeirame da passarela e recuperação do asfalto, dando os últimos retoques, para a reabertura da velha Hercílio para pedestres, motos e carros.

O CORAÇÃO DA CIDADE

FOTO: VADINHO

FOTO: ARQUIVOZERO



Praça XV, década de 40



Irmãos Santos, fotógrafos lambe-lambe



Praça XV, nos anos 20

Praça das Figueiras é o palco no teatro do amor

Karin Veras

"A mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores, o mesmo jardim. Tudo é igual?" Praça XV de Novembro. Jardim Oliveira Belo. Palco onde personagens vivos se apresentavam, em espaços determinados. Cada um sabia seu lugar. Entre os colóquios, contava-se os casos e acaídos raros da pacata cidade. À elite cabia o centro da praça, rigidamente policiada. Aos brancos de classe baixa e aos negros restava a calçada em torno. Mas nem só por altos funcionários e sua parentela era visitada a frondosa figueira. Também os comerciantes, os serventes das repartições, a classe de choferes, os fotógrafos, as empregadas domésticas, os negros estiveiros..., e os marinheiros: "Num indo e vindo infinitos"

E pensar que até 1911 muitos namorados tiveram que pular o muro. Ou melhor, pular as grades que haviam em torno da praça, fechada às 21 horas. E não era por falta de aviso. Uma sineta tocava quando iam ser fechados os quatro portões. Como não era por falta de aviso que as moças de família, também após esta data, mantinham a virgindade para casar na igreja. Pois saudosos namoros iniciaram na saída do cinema ou da missa, rumo ao footing da época. Lá estão os bancos da praça que não deixam os padres mentir.

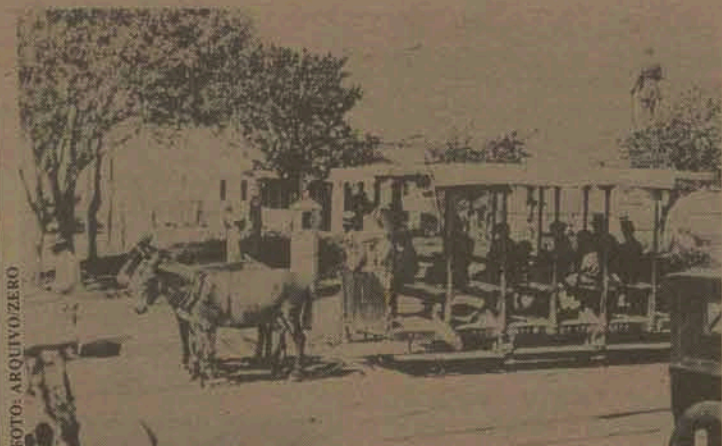
Abriam a praça e ela recebeu os moradores do centro, do morro, dos mares. Após 1926 também o Estreito pôde entrar na roda com mais facilidade. Pois as lanchinhas que faziam o percurso ilha-continente desapareceram em função da Ponte Hercílio Luz. Saudosa ponte, cons-

truída por ingleses e financiada pela maçonaria e musa de muitos postais. Em 1931 acabaram os bondes. A partir daí, quem viesse dos bairros mais afastados poderia regressar até às 23 horas. O ponto dos dois ou três ônibus que passaram a circular não poderia ser melhor: em frente à praça.

Encontros

E pensar que ao redor da praça, estendendo-se à rua Felipe Schmidt ficavam diversos bares e cafés, pontos de fofocas e de desfile. Se os 'alegres e graciosos grupos familiares' aproveitavam a sombra da figueira para lerem seus jornais e fazerem suas palestras — enquanto as crianças brincavam, entre 16 e 18 horas, os jovens iam mais longe. Até meados da década de 30 era possível observar um trajeto costumeiro: a juventude perfilava-se ao longo do Palácio Rosa ou no centro do Jardim da praça.

FOTO: ARQUIVOZERO



Praça Fernando Machado, década de 30

FOTO: NESTOR FAGUNDES



Início da década de 50

O CORAÇÃO DA CIDADE

FOTO: PEDRO DOS SANTOS

FOTO: ARQUIVO/ZERO

FOTO: KARIN VERAS/ZERO

FOTO: AMANTINO SANTOS

Fotógrafos lambe-lambe, década de 30

Então, os garotos de terno e gravata esperavam as garotas passarem. E elas vinham, com seus melhores vestidos e chapéus, flertar aqueles que já faziam parte do seu círculo social. Pois todas as 'boas famílias' se conheciam e se davam bem. Itinerário de sorrisos, acenos e insinuações que durava aproximadamente até às 22 horas.

No mesmo horário, ao redor da praça, as empregadas das 'boas famílias' também vinham fazer seu lazer. Dos morros desciam os negros que se juntavam aos brancos e brancas de classe baixa, além dos marinheiros residentes ou vindos do além-mar. Seu itinerário exigia maior andança pois era feito na parte externa do jardim. Quando cansavam de andar, se sentavam nos bancos vagos da praça. Tinham vergonha de se mis-

turar à elite?

Continuidade

— "Mas a praça era uma grande família", afirmam os mais antigos. De fato, os moços eram mais educados, as moças mais caseiras e os idosos mais respeitados. Também a igreja era mais freqüentada. Não havia tanto roubo, tanto assalto. A vida era tranqüila. Contudo, a família que existia na praça, na vida, não existia: As mulheres mais ricas poderiam ser professoras. As mais pobres varredoras.

Os brancos pobres, alfaiares. Os negros, talvez, engraxates. Os marinheiros poderiam exibir seus trajes.

E pensar que dos anos 40 a 60 o 'footing' continuou quase o mesmo. Os meninos, sem apresentar cansaço, continuaram esperando as meninas ao longo do Palácio e no cen-

tro da praça. Aquela que abriga bustos do poeta maior (Cruz e Sousa), do pintor maior (Victor Meirelles), de Arthur Boiteux e Jerônimo Coelho. Não é de se estranhar que também nela esteja o monumento lembrando a guerra que liquidou nossos hermanos paraguaios: "A mesma praça". Da mesma maneira, as meninas continuaram desfilando, indo até a atual Lojas Arapua (antes Confeitaria do Chiquinho) e voltando em seguida. Na disputa das atenções, quem, levava vantagem sobre as estudantes do Coração de Jesus eram os estudantes do Catarinense. Coisas que só a Figueira sabe explicar. Naquela época, a parte superior da praça — próximo ao monumento dos nossos hermanos — começou a ser invadida pela 'malandragem' das classes mais baixas.



Hoje, como ontem



As novas figuras

FOTOS: KARIN VERAS/ZERO

Café acompanhado de história

Ilka Goldschmidt e Rute Enríconi

Desde sua criação, em 1948, o Ponto Chic conquista as pessoas por ser um bar diferente, tipo assim... uma personalidade exótico-familiar. Quem ali chega, tem a desculpa do cafezinho para fazer amizades e colocar os papos em dia. Seus frequentadores pertencem a todas as classes, desde o funcionário público até o advogado, que ali vão diariamente, transformando assim, o bar num ambiente de família que é a tradição e marca da casa.

Situado na esquina da mais florianopolitana das ruas, a Felipe Schmidt, o Ponto Chic é a referência tanto para catarinenses como para turistas. Há anos ele tem sido palco de acontecimentos que constroem o dia-a-dia da Ilha.

Entre um cafezinho e outro, as fofocas giram em torno de assuntos como mulheres, negócios, família, até a troca de favores profissionais, mas o alvo mesmo é a política oficial, quase sempre contestada pelos frequentadores.

SENADO

O que caracteriza o bar, é a presença assídua dos "Senadores", pessoas comuns que compõem o "Senadinho", fundado há mais de dez anos pelos frequentadores do Café, que em meio às conversas do cotidiano, sentiram a necessidade de se organizar. O primeiro a perceber isso, foi Lázaro Bartolomeu, do Jornal Radar, que ao ver o pessoal diariamente reunido



Década de 40...

após o meio-dia, brincava chamando-os de "senadores", pois pareciam o próprio "Senado Romano".

O atual presidente do "Senadinho", é Edy Tremel, advogado e membro da Academia Catarinense de Letras. Para receber o diploma de Senador, é preciso passar por alguns critérios estabelecidos pelo próprio grupo, como a frequência ao bar, a representatividade na sociedade, e o mais importante: é proibida a entrada de "corruptos", ao clube. Figueiredo foi o primeiro a receber o diploma. No mesmo dia em que o ex-presidente visitava o Ponto Chic, em novembro de 79, para receber o diploma, foi vaiado por estudantes e populares descontentes com a

atuação de seu governo. O episódio repercutiu em todo país, colaborando para a popularidade do bar.

O Senador nº 2, foi Esperidião Amin, que durante seu mandato de prefeito de Florianópolis, instalou na esquina do Ponto Chic, bancos de madeira, assim como um desenho no chão, de um mosaico, onde está gravado as iniciais do Corpo Consultivo do Senatus Populusque, Romanorum, ou ainda Florianopolitano. A sigla SPQF, foi interpretada pelo povo florianopolitano, como "Solução Para Qualquer Fofoca".

Várias pessoas procuram o auxílio do "Senadinho" para resolver problemas, como o de internações em hospitais, facilitadas pela influência dos cerca de 80 "Senadores". Assim, por meio desse grupo, são prestados serviços de assistência à comunidade e promovidas também homenagens a figuras históricas, além de lançamentos e exposições de livros no próprio calçadão em frente.

A Maçonaria evidentemente também se faz representar no Senadinho, sendo que de vinte a trinta dos membros são maçons. Como sempre ela está presente nos acontecimentos que fazem a história da nossa sociedade. Um exemplo disso, é a crença de muitos florianopolitanos de que ela contribuiu decisivamente para construção da ponte Hercílio Luz.



Edy Tremel

TRADIÇÃO

Nos seus 39 anos, o Ponto Chic, já pertenceu a cinco proprietários. Esse fato contribuiu para sua descaracterização, pois nenhum dos donos deu continuidade ao trabalho desenvolvido anteriormente. Walter José da Luz, proprietário do Ponto no período de 1968 a 1983, diplomado também senador, revolucionou a antiga "Confeitaria, Café e Bar", transformando-a de simples venda de cafezinho em um completo sistema de auto-serviço, introduzido em Florianópolis por ele. Na época as mudanças executadas causaram impacto na sociedade, já que "mexer no Ponto Chic era mexer em Florianópolis" foi nesse período que houve a instalação da primeira arquibancada para assistir o Carnaval na cidade. Em frente ao Ponto Chic, é claro.

IRRITADO

O bar já sofreu profundas

mudanças em relação a seu espaço físico. Inicialmente ocupava uma área de 120 metros quadrados e era decorado com espelhos por toda parte. O proprietário Walter, irritado pelo fato de seus clientes usarem gratuitamente o espelho, arrancou-os da parede, renovando a decoração. Hoje, o espaço do bar está reduzido: a aparência não é a mesma, mas permanecem os fregueses.

Pimpão, como é conhecido pelos membros do Senadinho, é freguês antigo. Há mais de dez anos ele vem todos os dias cumprir sua rotina. "Aqui trocamos idéias. É uma escola onde se aprende de tudo", embora o que mais gostam de fazer sejam críticas ao governo. "Metemos muito pau no governo, pois não somos seus brinquedos", esclarece o Pimpão.

O advogado Luis Prado, nos seus dez anos de casa, nota que muitas pessoas deixaram de frequentar diariamente o bar pela falta de dinheiro e tempo. Coisas da tão atual situação econômica do país. Para Luis, os políticos de antigamente eram melhores, "os de hoje pensam que tem poderes absolutos".

Segundo outro frequentador, o delegado Bagé, como é conhecido, dois tipos de termômetros fazem parte da história do Ponto Chic. Um deles é o barômetro, "quando certa parte da cidade está nublada, é sinal de chuva na certa". O outro, talvez até mais eficiente, é usado pelos políticos que vêm ao bar para medir sua popularidade.

O QUE FICOU PARA TRÁS

Outra tradição dos fregueses do Ponto Chic, era o famoso "Clube do Palitinho", onde quem perdia o jogo pagava uma rodada de cafezinho. Nos jantares realizados pelos Senadores, a presença de uma das garçonetes do bar com o famoso café Amélia era indispensável.

Muitas pessoas importantes, ao visitarem Florianópolis não deixavam de dar uma passada pelo Ponto Chic. O ex-presidente Costa e Silva quando da sua vinda à Ilha, não fugiu à regra. Como diz o velho Pimpão: "O Ponto Chic é que nem sorrisal, está sempre borbulhando", e estas são palavras de quem entende de assunto.



... em 1965

FOTO: VALDEMAR ANACLETO

FOTO: VADINHO

FOTO: RUTE ENRÍCONI/ZERO

Destino: da pesca ao turismo

Nos últimos
50 anos
ocorreram
as maiores
mudanças

Tina Yoshizato e Paula Remísio

Nos últimos 50 anos, Florianópolis sofreu grandes transformações, particularmente no período de 68 a 74, quando os setores que mais mudaram foram os relacionados aos transportes, habitação e comunicação, segundo informações do sociólogo da Universidade Federal de Santa Catarina o professor Nereu do Vale Pereira. Florianópolis perdeu muito de seu provincianismo. Esse período de inquietações transformou o modelo familiar que era de cinco a oito filhos até 68, a partir daí a média caiu para um ou dois filhos por casal.

Esta fase é caracterizada por um processo de secularização, onde a sociedade florianopolitana deixou de utilizar valores espirituais e religiosos como seus principais condutores para adotar parâmetros materiais e temporais. Este processo tomou maior ênfase a partir de 1962, com a instalação da UFSC, sendo que em 1974 houve uma estabilização: os reflexos deste momento de modernização, que ainda não cessou, fizeram de Florianópolis uma sociedade angustiante, aflitiva e desorganizada. A cidade passou a ter um caráter mais universal, moderno e a Universidade Federal desempenhou um fundamental papel neste quadro, devido à grande injeção de recursos para o pagamento de funcionários, transformando o mercado imobiliário e de serviços, além de ter atraído para a Ilha muitos

profissionais, que vieram desempenhar funções de professor ou pesquisador. O orçamento da UFSC é quatro vezes maior que o da Prefeitura e este giro tem grande repercussão na estrutura social.

A preocupação do governo com o turismo começa em 1970, quando se organiza a EMBRATUR. Houve uma entrada maciça de capital para financiar empreendimentos turísticos (hotelaria, serviços, bares e restaurantes) e melhorias das comunicações e das rodovias, — a BR 101 só foi concluída em 1972. O contato com turistas gerou transformações sociais e econômicas muito sérias nas sociedades receptoras — no caso dos florianopolitanos —, além de forçar a criação de uma nova identidade cultural. O local se adapta para atender a essa variedade de pessoas, passando de comunidade agrícola — pesqueira à estância turística e os bens passam a ter, cada vez mais, valor de troca e não mais va-

lor de uso. A tradição florianopolitana foi a de prestação de serviços desde a sua fundação. Os portugueses preocuparam-se em garantir a sua posse ao sul do Brasil com as fortalezas, sendo montado um aparato significativo de suporte do poderio português. Depois, Florianópolis administrou o governo brasileiro no sul, sendo a capital de maior importância, até o início do século XX (superando Curitiba e Porto Alegre). Quando nasceu a indústria como alternativa econômica no Brasil, Florianópolis perdeu posição para as outras capitais do sul. Mas, depois de 70, com a vinda do turismo, a atividade terciária desen-



Família Amantino dos Santos

FOTO: PEDRO DOS SANTOS



O TAC, logo após a inauguração...

FOTOS: ARQUIVO ZERO



... e em 1987

FOTO: RICARDO BARRETO ZERO



Os Tolentino de Souza



FOTO: ARQUIVO ZERO

O footing aminado



Coqueiros na década de 50

volveu-se com a criação e prestação de serviços e a cidade voltou a ter crescimento na área econômica. Hoje ela é a quarta em arrecadação de

impostos do Estado: uma cidade de muitas histórias e transformações, que ascende agora com toda a força e beleza que só Florianópolis tem.

MIRAMAR

QUIVOZERO



Na década de 40 a arte é renovada em Florianópolis

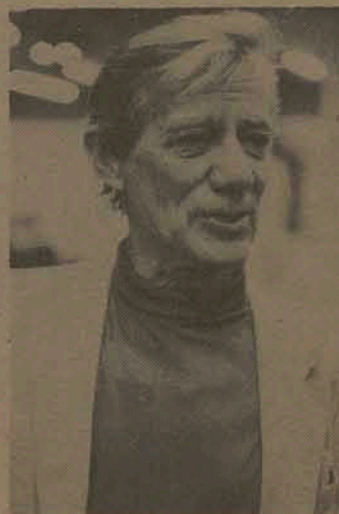


Milene Correa

"Sim, a arte em Florianópolis tem acompanhado as transformações, as mudanças da sociedade", disse o crítico de arte e diretor do Museu de Arte de Santa Catarina, Harry Laus. A vinda do pintor Martinho de Haro para Florianópolis em 1942, a Exposição de Arte Contemporânea em 1948, trazida à Ilha pelo escritor carioca Marques Rebelo, e a criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis em 18 de março de 1949, são para ele três dos pontos de referência para a renovação da arte catarinense.

Mas o ponto de partida para a renovação foi, sem dúvida, a grande Exposição de Arte Contemporânea, que despertou comentários de repulsa e aprovação durante os dias em que esteve aberto à visitação pública, entre 25 de setembro e 6 de outubro de 1948, na esquina das ruas Victor Meirelles e Saldanha Marinho, em pleno centro da cidade. Aparece aí, como principal causa da vinda da mostra, a existência do Círculo de Arte Moderna, fundado em 1947, e que passou a ser conhecido como Grupo Sul, em consequência de uma revista editada com o nome de Revista SUL (jan. 1948 — dez. 1957).

O CAM (Círculo de Arte Moderna) era formado por jovens escritores e artistas, preocupados em sacudir a província, acomodada que estava aos velhos padrões. Foram manifestações moder-



nas de teatro, literatura e artes plásticas. "Florianópolis nunca tinha visto uma verdadeira exposição de pintura contemporânea", escreve Archibald Cabral Neves na Revista SUL nº 6. Eram 79 obras, assinadas por artistas estrangeiros como Léger, Dufy, Leskoesk, Jan Zach e brasileiros do porte de Iberê Camargo, Pancetti, Burle Marx, Djanira, Di Cavalcanti, Teruz, Segall e Portinari. Ainda alguns pronunciamentos de Marques Rebelo, que provocaram críticas indignadas dos mais conservadores, como quando disse que "pintura não é imitação da natureza, mas interpretação da natureza", serviriam como complemento aos acontecimentos da época, rompendo-se de vez os já frágeis elos do conservadorismo provinciano. Mas, como disse o artista plástico Hassis, ainda existem artistas na Ilha que preferem "ser o nº 1 na província do que o nº 2 em Roma".

Grande parte da pintura produzida na Ilha sempre foi

impressionista. A partir da atuação do Grupo Sul e do Círculo de Arte Moderna, entrou-se pelo expressionismo. O surrealismo de Meyer Filho sempre "permeou o meio". Hassis talvez tenha sido nosso único artista a fazer a pop-art. Isso foi em 1965, quando, segundo o próprio Hassis, ele foi "muito marretado. Mas eu sempre fui um camarada independente, e a minha temática, apesar das críticas, era de profundas raízes: o futebol, a pesca", conclui ele.

Com a década de 80 chega o abstracionismo. "Agora vale tudo", diz Harry Laus. Houve um grande desenvolvimento econômico, o mercado cresceu, mais pessoas procuram, mais pessoas produzem. Mas deve haver, acima de tudo, "a conscientização do artista, de que ele não deve fazer a vontade do freguês. O freguês é que deve fazer a vontade do artista", dispara Laus, numa clara alusão aos artistas que vivem de concessões. Concessões à arte como modo de sobreviver.

Sobre a atuação da TV e dos meios de comunicação em geral, Harry diz que "bem ou mal, a TV impulsionou a arte moderna". E quando lhe pergunto se a arte não teria sido vulgarizada pela TV, ele diz que "depende do artista. Pode passar Picasso todo dia na televisão, e ele continua grande". Por outro lado, se considerarmos a TV como meio transformador e com características próprias, vale concluir que Picasso na televisão deixa de ser "apenas" Picasso para ser "Picasso na televisão".



Aterro destrói vida portuária

Fotos antigas (início do século e anos 40) mostram o mercado inserido numa atividade que foi esquecida: o porto e sua movimentação



FOTO: VALDEMAR ANACLETO

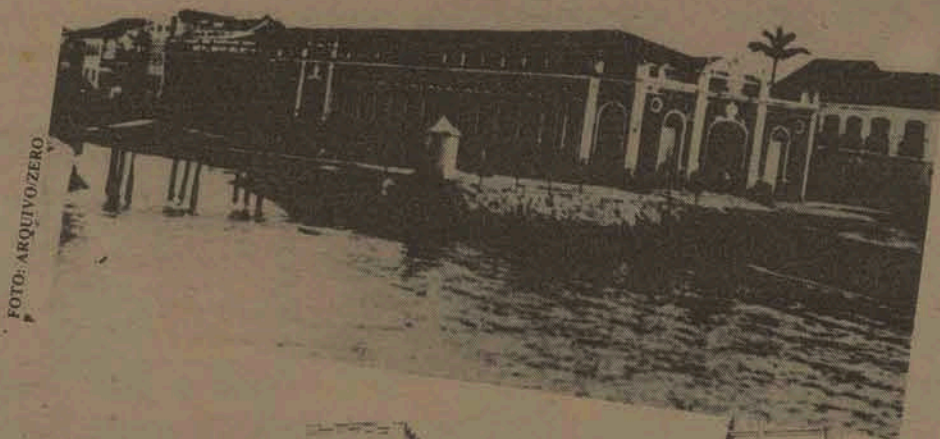
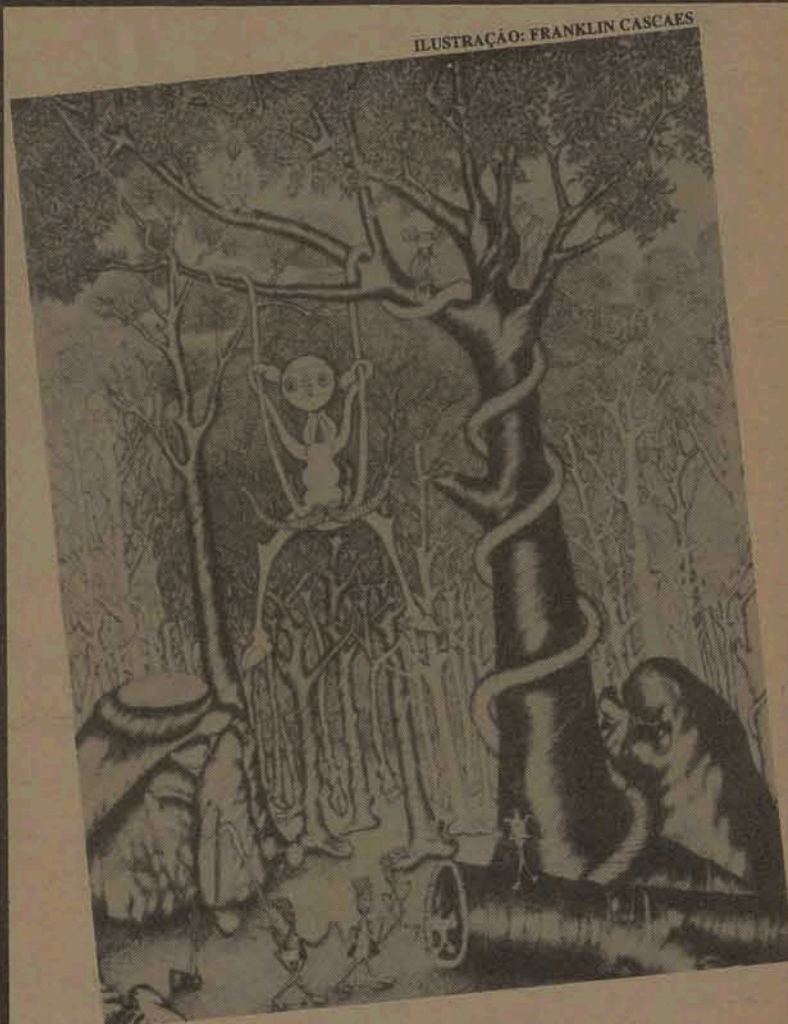


FOTO: ARQUIVO ZERO



FOTO: DAURO VERAS/ZERO

ILUSTRAÇÃO: FRANKLIN CASCAES



Na garra das bruxas

Carla Cabral

Mané Belo, um pescador metido a bom, caminhava pelo mato. A lua, em todo o seu esplendor, anunciava uma boa pescaria no dia seguinte. Ele parou para olhar um reflexo na bananeira à sua frente e, tal o horror da imagem, saiu correndo. Porém, não percebeu a perseguição bruxóica: duas criaturas se puseram diante o olhar do pescador, rodopiando ventos. Mané Belo, neste instante, ainda tentou desviar mas atrás dele estava o restante das bruxas. "Ah, bruxinha, não me faça mal. Sou tão bonzinho", gaguejou, enquanto o redemoinho provocado pelas bru-

xas tomava conta do matalgal. "Tu vais ver o que se faz com o pescador", rousnou a chefe do bando bruxóico. "Por favor, ai, ai, ai. Sou tão bonzinho", repetia Mané Belo. A essa altura já tinha os cabelos arrancados e a face escaldada pela fogueira que iria matá-lo. Então lembrou-se de que tinha dentes de alho no bolso, enfiando todos na boca. De repente as bruxas sumiram, e sua primeira reação foi correr o mais que pôde. Chegando em casa, viu uma sombra. Parou boquiaberto. Suas pernas tremiam. Aparece seu filho, que voltava da pescaria noturna e lhe diz: "Ô pai, parece que viu bruxa. Essas coisa não existe, não tem?"

RESISTÊNCIA

Provincianismo provoca

FOTO: ARQUIVO/ZERO

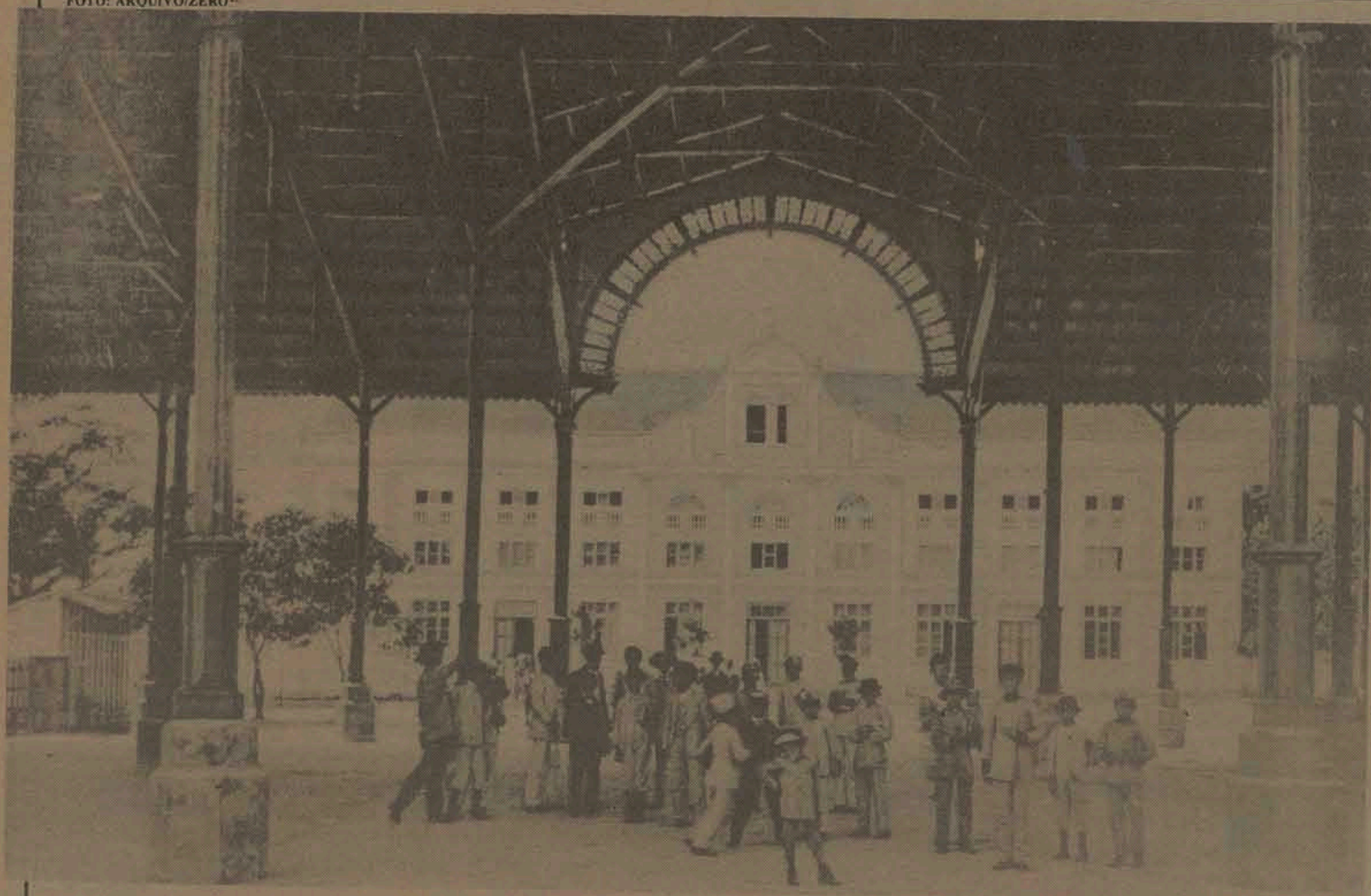


FOTO: VALDEMAR ANACLETO



FOTO: KARIN VERAS/ZERO



Imagens permanecem

FOTO: ARQUIVO/ZERO



O Catarinense
ainda permanece,
da Arcipreste
Paiva mudaram
os automóveis e
os fundos do
TAC ganharam
vizinhos novos.

FOTO: SIMONE DIAS/ZERO



FOTOS: VALDEMAR ANACLETO



Denirys Rodrigues

No começo do século os esportes mais praticados na capital eram os aquáticos, com destaque para a natação e o remo. Este último era considerado como o esporte da elite de Florianópolis, que contava com os seguintes clubes: Riachuelo, Martinele, e o Aldo Luz, que permanecem os mesmos ainda hoje. Na natação, o destaque ficava para o Figueira Náutico Club, que organizava os páreos (competições) na Baía Sul.

Outros esportes como atletismo, futebol e ginástica também eram praticados. O atletismo da capital conseguiu inclusive alguns destaques nacionais com atletas do Paula Ramos Esporte Clube. Já a ginástica não teve muito destaque e o futebol era amador, praticado só pela elite. Esportes como vôlei e basquete não tinham a mesma popularidade que os outros, ficando restritos aos pátios de colégio.

O MAIS POPULAR

O esporte mais popular da época era o remo, mas com o passar do tempo, o futebol foi crescendo e buscando novos aficionados. Na capital, os times de futebol existiam nos bairros, e ali haviam campos de futebol que hoje já desapareceram.

Mas a história do futebol não fica por aí. Imaginem só: antes os jogos eram realizados no campo do Colégio Catarinense e o desenrolar das partidas se dava ao som de marchas e tangos executados pela Banda da Força Pública. Destes jogos participavam personalidades como Ivo D'Aquino, Francisco Gallotti, Nereu Ramos e Hercílio Luz.

Os times de maior destaque na época eram o Trabalhista, o Florianópolis e o Palmeiras, mas também existiam o Internato e o Externato, formados por alunos do Colégio Catarinense. Porém, a fome por esporte era muito maior que isto, e outros clubes foram fundados e permanecem ainda hoje, como o Avaí e o Figueirense.

COMEÇO

O primeiro foi o Figueirense, que hoje, depois de amargar uma segunda divisão, volta à primeira com esperanças de novas vitórias. O Figueirense surgiu a partir da idéia que três jovens, João Savas Siridakis (Jango), Jorge Albino Ramos e Domingos Vello-



Uma das primeiras formações do Figueirense

As transformações do esporte em setenta anos

so, tiveram de fundar um clube de futebol, nas proximidades da figueira, que era um lugar comum. Com isso no dia 12 de Junho de 1921, na rua Padre Roma, perto da Conselheiro Mafra, na casa do Sr. Ulisses Carlos Tolentino, onde a sala estava cheia, nascia o Figueirense Futebol Clube. A partir daí, disputaria regularmente os campeonatos regional e estadual.

O clube tem um passado de glórias e foi o primeiro representante de Santa Catarina no Campeonato Nacional, em 1973. Apesar disso, os últimos acontecimentos não são muito favoráveis ao time que está situado no continente. Desde 1974 que o Figueirense não consegue conquistar o título de campeão estadual e, no ano passado, depois de uma péssima campanha, teve que suportar um rebaixamento da primeira para a segunda divisão. Porém, para alegria da torcida alvinegra, o time do Estreito volta à primeira divisão em 1988.

Mas há quem diga que "a história do Figueirense é ser vice", o que certamente deve

ser creditado a um ou outro radical torcedor avaiano.

Dois anos depois da fundação do Figueirense, foi inaugurado o clube que veio a ser seu maior rival na atualidade, o Avaí Futebol Clube (que se escrevia Avahi). No dia 1º de Setembro de 1923, na rua Frei Caneca nº 34, na casa de Amadeu Horn surge o Avaí F. C.. A idéia da fundação de um clube de futebol veio após uma partida de um time de garotos que venceu o Humaitá, um time valente da rua Nova Trento. O primeiro nome sugerido foi o de Independência Football Club, pois estavam na semana da Pátria e o nome seria uma homenagem à data. Mas o Sr. Arnaldo Pinto de Oliveira não concordava, por ser um nome muito grande e difícil de incentivar. Então ele mesmo sugeriu o nome Avahi, e assim foi feito. Amém.

O Avaí tem um passado de glórias. É o time que mais vezes conquistou o campeonato estadual, embora já faça algum tempo que não consegue conquistar um título. Na última temporada, por exemplo,

depois de afirmar que com o Figueirense na segunda divisão seria mais fácil ser campeão, o Avaí só conseguiu ficar em quarto lugar, o que não esmoreceu o entusiasmo de sua torcida: "não há nada melhor do que ser um bom avaiano". O que só pode ser dito por quem desconhece os prazeres de sentir-se Figueirense.

Alguns anos mais tarde, no bairro da Praia de Fora, surge o Paula Ramos S.C.. O time surgiu na praia e o nome foi tirado de um cais (Cais Paula Ramos), que ficava perto de onde estavam reunidos os jovens aventureiros, no dia 15 de Dezembro de 1937. A idéia inicial era a de formar um time para jogar na várzea, mas esse time foi campeão do estado em 1943 (este foi o primeiro título estadual do Paula Ramos).

O Paula Ramos não tinha só futebol. No atletismo, sua equipe conseguiu destaque nacional mais de uma vez. Hoje o clube não faz mais parte do campeonato de futebol profissional do estado, sendo agora apenas um clube social, com atividades espor-

tuvas voltadas apenas aos associados do clube.

Em 1923 foi fundada a Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres, da qual eram membros fundadores o Figueirense e o Avaí. Na época havia o campeonato da primeira divisão de amadores, onde participavam os times acima citados entre outros. Os jogos eram realizados no Estádio Adolfo Konder (rua Bocaiúva), que inicialmente era cercado de madeira, mais tarde passando para o concreto.

O tempo passou e os times adquiriram suas sedes próprias. O Figueirense tem a sua na rua Olavo Bilac, no Estreito, onde está localizado o Estádio Orlando Scarpelli. Já o Avaí tinha sua primeira sede na rua Bocaiúva, no Estádio Adolfo Konder, e hoje sua sede é a Ressacada, o maior estádio de Santa Catarina, que leva o nome de um ilustre avaiano: Aderbal Ramos da Silva. O Paula Ramos, por sua vez, deixou de atuar no futebol de Florianópolis.

BOM DE BOLA

Para o Sr. Fornerolli, que jogou no Avaí, Figueirense, Paula Ramos e no Barriga Verde de Laguna, o futebol de hoje está muito diferente do seu tempo. Ele diz que antigamente o futebol era praticado por atletas que jogavam apenas por amor à camisa, e não por dinheiro, como é agora. Em sua época o futebol era amador e os jogadores não eram assalariados; aliás, quando recebiam era uma quantia muito pequena, a título de ajuda, e os jogadores sempre tinham outra profissão.

Outra coisa que o Sr. Fornerolli lamenta é o fato dos clubes não jogarem mais pensando no espetáculo, na torcida. O que lhes interessa é o resultado, só lutando para fazer gols e chegar à vitória se este resultado for necessário. Outra coisa que ele não acha justo é um time perder um título nos pênaltis. Para ele, o ideal é a realização de uma terceira partida. Na opinião dele, o futebol da capital, representado pelo Avaí e Figueirense, não será mais campeão estadual, pois os times dos outros centros estão unidos, tornando-se mais fortes, como por exemplo o próprio Joinville. Resta para os ilhéus apenas esperar para ver se as palavras do Sr. Fornerolli se tornarão realidade. Ou talvez aliar os dois times da capital e fazer um só: Quem sabe?

FOTO: ARQUIVO FIGUEIRENSE F.C.



Nas casas mais novas, a profusão de imagens. Fotos de santos católicos e da família em momentos cruciais da vida: o nascimento, a primeira comunhão, o serviço militar, o casamento.



Nova geração: os adesivos de surf competem com os signos sagrados da geração dos pais.

Passado e presente convivem na Lagoa

Mais, muito mais do que um simples lugar de morar, a casa é um condensador de símbolos sociais capaz de "falar" das transformações vividas por uma sociedade. Tentar decifrá-la, como se decifra um texto escrito em língua desconhecida, foi um dos objetivos da dissertação de mestrado de Carmem Rial, professora da UFSC, sobre as três últimas gerações de nativos da Lagoa da Conceição. Pois, ilha dentro da Ilha, a Lagoa ainda guarda recantos escondidos pela mata, onde o visitante eventual se depara com modos de vida de séculos passados. Lugares como a Costa da Lagoa, onde

só se chega de barco ou caminhando por uma trilha povoada de lagartos, pássaros selvagens, gambás, bambuzais gigantes e casarões do início do século, testemunhas da época em que o café propiciava uma relativa abundância. Ou como a Quebrada, sem estrada e sem luz, onde se encontram engenhos tocados à boi, barcos esculpidos a partir de imensos guarapuvus e silêncio.

Mas, percorrer a Lagoa é pisar também zonas planamente inseridas na modernidade: basta chegar na freguesia num domingo de verão. Meninos bronzeados do Rio

e da Austrália, logotipos da O.P., câmaras de V.H.S., desejos errantes, cadeiras de praia coloridas, lanchas e cocaína.

Muito disso tudo está inscrito nas casas dos moradores nativos. Elas contam a história da transição de um modo e vida camponês, que tinha a pesca como atividade secundária, a um modo de vida cada vez mais inserido na sociedade "moderna". É a história da Lagoa ou melhor, do *mar-de-dentro*, nome poético com o qual os nativos designam a Lagoa da Conceição, opondo-a ao *mar-de-fora* o imenso Atlântico que os rodeia.



As casas construídas a partir dos anos 50 são feitas em madeira e com telhado em quatro águas. A cozinha, com fogão a lenha, afasta-se ainda mais, situando-se num nível inferior (foto) ou num "rancho" separado do corpo da casa.



Os nativos a chamam de "casa-de-antigamente". Algumas foram construídas há mais de cem anos, em pedra ou pau-a-pique. O telhado é voltado para frente porque os portugueses não dominavam o sistema de calhas para água da chuva.

Liberadas da esfera da produção, as mulheres agora na decoração em profusão, azulejos transformados em quadros, plásticos e fórmica.



A Costa que sobrevive à invasão

Na última comunidade agrícola-pesqueira, quase intacta, resiste uma idéia de como era Florianópolis

Joachim Schmitz

9:00 horas. Tenho a Lagoa da Conceição ante os olhos. Aproximo-me de um grupo de pescadores que conversam animadamente e logo a atenção deles volta-se para mim.

O motivo: camisa colorida, bermuda, chinelos, e, para completar, câmara fotográfica a tiracolo. Imagino que eles pensam se estarei disposto a me desfazer de alguns dólares num passeio de barco pela lagoa. Mas, para possível desgosto deles, minha terra de origem não é a Argentina: sou apenas um estudante de Comunicação que precisa chegar até a Costa da Lagoa e não sabe como. A lancha da prefeitura tinha saído há poucos instantes, mas seu Darci, um solitário pescador, oferece-me uma carona. Ele tinha vindo à Lagoa para fazer compras e após curtos minutos de espera ele me chama. No barco, sou recebido

por um par de olhos azuis que me fitam indagadores. Além dos olhos, cestas de verduras, frutas, produtos de limpeza e cigarros. Mas, para meu conforto, estes produtos não indagavam nada de mim.

Começa a viagem. Os primeiros momentos são silenciosos. Ninguém se arrisca em dirigir a palavra. Quando, finalmente, venço a timidez, o espetáculo proporcionado pela natureza me emudece: a encosta dos morros avança sobre as margens e o verde se choca com o azul espumoso da lagoa. Cruzamos com um pescador que ameaça lançar a tarrafa. Vacila. Apronto a máquina. "Fais bonito agora, o menino aqui vai tirar uma foto", berra seu Darci ao amigo. Uma gaivota, assustada com o barulho do barco, sai voando; merece uma foto, talvez duas. Tudo bem, foram duas. Os olhos azuis se dirigem agora para a câmara e quando notam que eu os observo abrem um sorriso.

Chego à última comunidade isolada da Ilha de Santa Catarina. Uma igreja, um grupo escolar, um bar e algumas casas compõem a parte principal da Costa da Lagoa. Mais ao longe, sempre beirando a margem, mais alguns pequenos aglomerados de casas. Encostamos o barco no trapiche, bem em frente ao bar, e entramos para molhar a garganta. Uma cachacinha para seu Darci e um refrigerante para mim. Na tentativa de quebrar o gelo, pergunto como é a vida na Costa, de imediato vem a resposta: "Ah, é boa; não aparece bandido, não aparece ladrão e a gente vai pescando para ganhar a vida". Mas ele não se ilude e sabe que o mar não está para peixe; considera-se uma pessoa bem informada.

Para mudar esta situação acha que é preciso mudar o sistema e para isto só confia no Lula, pois "tudo o que ele fala é verdadeiro. A democracia é boa, mas todo mundo abusa e o que realmente vai ajudar o Brasil é uma ditadura do tipo getulista, onde só ele mandava mas vivia-se bem". Conta também que quase todo mundo que vive na Costa nasceu e se criou ali mesmo, mas quando vem a escassez de peixe, muita gente sai e vai trabalhar no Rio Grande do Sul ou então em Santos. Porém acabam voltando, pois quem já morou lá não consegue esquecer a tranquilidade e a beleza do lugar. A vida tornou-se ainda mais fácil quando, há quase quatro anos, chegou a eletricidade. Antes tudo funcionava com baterias e estas precisavam ser levadas, periodicamente, até a Lagoa para serem recarregadas, o que causava uma série de incômodos. Mas seu Darci precisava seguir viagem para chegar em casa, almoçar e sair para a pesca.

Sigo, então, em direção ao posto de saúde. Subo a ladeira que se ergue logo atrás do bar, passo entre algumas casas e encontro o posto fechado. Um morador me informa que o médico deve estar assistindo alguém numa casa distante dali. Meu próximo pas-

so é o Grupo Escolar da Costa da Lagoa. Está na hora do recreio e as crianças se divertem jogando futebol no terreno da escola, entre elas estão duas professoras que, apesar da pouca habilidade, têm pinta de artilheiras. Uma das crianças me avisa que o diretor está voltando e eu vou ao seu encontro. Para minha surpresa, vejo-me diante de um rapaz novo, com roupas artesanais e ostentando um brinco na orelha esquerda. Serginho é formado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e morou três anos em Berlim, na Alemanha Ocidental. Logo que voltou da Alemanha foi para a Costa e de lá não pretende sair tão cedo.

Como diretor da escola o pior problema que ele enfrenta é a necessidade de adaptar o ensino à realidade que lá é vivida. Além de ser importante que se preencha tanto as perspectivas do aluno que pretende continuar estudando após a quarta série do primário como também as do que quer ser pescador. Hoje, a escola conta com seis professoras e para o ano seguinte já estão matriculadas oitenta crianças. A escola sempre teve dificuldades em relação ao corpo docente, mas este empecilho foi resolvido este ano, pois o prefeito Edison Andriano, cujos pais são da Costa, alugou uma casa para as professoras que, desta maneira, conseguem ter um convívio social intenso na comunidade, o que é bastante significativo. Serginho conta que quase não teve problemas de

Vista parcial

adaptação com a comunidade, pois soube respeitar o modo de vida do povo. Mas há casos de turistas que lá chegam e, pensando estar no paraíso, passam a tomar banhos totalmente despidos, o que não é, logicamente, bem recebido pelos habitantes nativos. Entre um cigarro e outro vou escutando as diversas histórias que ele tem para contar e até me esqueço da reportagem sobre o lugar — finalidade básica da minha excursão —, quando ele fala de suas andanças pelo exterior. Volto a mim quando comenta sobre a cachoeira ali existente e eu peço que me leve até lá.

Realmente é um espetáculo maravilhoso. A água límpida e cristalina cai por entre as pedras indo parar numa represa contruída pelos moradores, e onde, nos dias de calor, eles vão tomar um banho refrescante. A paisagem que se vê lá de cima é merecedora de um cartão postal. Vislumbra-se a Costa, a Lagoa e, mais ao fundo, a Barra. Aparece, também, a lancha da prefeitura. Infelizmente, é hora de voltar para a agitação da cidade. Despeço-me com a promessa de voltar porque, acima de tudo, a Costa da Lagoa é especial.



Seu Darci



A Lagoa vista da Costa

Rendeiras só tecem para vender

Maria A. Macarini

As mãos já não criam mais a beleza nas rendas. A poesia da pesca já não tem o sabor de água fresca, cristalina. É como se o tempo furtasse o sonho de uma ingênua menina, brincando de viver na fantasia.

Na velha Desterro, século XVIII, os açorianos instalaram-se na costa litorânea, e criaram uma cultura diferente: diferente da do resto do Brasil e da própria cultura de origem. Detalhes específicos fizeram com que a nova sociedade que aqui se instalou diferísse, em vários sentidos, das que povoaram o resto do país — desde o modo de produção até o relacionamento interpessoal.

Caracterizada pela formação de campeonatos, por um trabalho escravo quase ausente e com uma economia baseada em serviços de subsistência, a ocupação vicentina era composta por gente humilde, de jeito "simples" e camarada.

As terras eram divididas em lotes para as casas, mas o espaço das pastagens para o gado era quase coletivo: as grandes extensões de terras eram de toda a comunidade. O gado pastava livremente, sem ter limitações de espaço. Não havia cercas, havia troca e usufruto.

O escravismo era utilizado apenas em atividades extensivas, quase exclusivamente na pesca da baleia, quando os parentes não eram em número suficiente. As relações de trabalho se davam mais por amizade e compadrio do que por competência, e os

meninos já iniciavam seu trabalho na atividade pesqueira aos seis anos de idade. A partir dos quatorze, passariam a trabalhar na agropecuária, considerada um serviço mais exaustivo.

Valor de uso

Às mulheres cabia o feitiço de rendas. No lado da almofada, as meninas já aprendiam, desde pequenas, o trabalho que as dignificaria como mulher de boa cabeça. O aprendizado doméstico era iniciado aos sete anos e incluía castigos corporais: as mães batiam nas articulações dos dedos das meninas que não tinham facilidade de lidar com os bilros. Era uma questão de honra saber fazer renda. Mulher não devia andar na rua, devia ficar em casa, nos bilros. Aquela que não soubesse fazer renda, não era considerada mulher.

O artesanato é uma reinvenção da indústria doméstica, numa produção do uso para o uso, e tinha como objetivo satisfazer as necessidades básicas da sociedade agropesqueira. A renda era feita para compor o enxoval. Os oleiros utilizavam o barro para fabricar panelas. O engenho produzia farinha e o pescador tecia suas próprias redes.

Valor de troca

Hoje a rendeira faz a renda com a finalidade de comprar tecido para fazer as roupas da família. O oleiro fabrica o pote de barro para comprar o de plástico. E o pescador trabalha para o dono do navio que pesca em alto mar.

A expansão urbana que espreme o pescador e sua família no litoral, a emergência da pesca industrial e a odisséia

Talvez ainda exista poesia...



... nas rendas

do turismo que ocupa a terra do agricultor e a orla marítima, fazem com que esta cultura tenda ao desaparecimento. O artesanato vira mercadoria, e o que tinha essencialmente valor de uso passa a ter valor de troca, acarretando uma mudança no sistema econômico e quase anula o consumo daquilo que produzem.

O artesanato é, então, feito basicamente para ser vendi-

FOTOS: SABRINA FRANZONI/ZERO



do, e assim pode-se dizer que é feito para comprar dinheiro.

Sob a pressão do consumo capitalista, o ilhéu se vê sem alternativas. Há uma reprodução do sistema, mas não se dá ampliada a nível de artesanato. Tudo o que o artesão consegue é reproduzir sempre a mesma peça. Não se torna o grande produtor, o grande empresário. Ele é um trabalhador doméstico que vende seu produto para comprar o industrializado, deixa de ser consumidor primário e começa a ser mais um explorado.

Outros valores

A relação de família começa a se diluir. Os pais incentivam os filhos a não se voltarem à pesca. As mocinhas já não são mais obrigadas a fazer renda. Os rapazes virão para o centro da cidade e serão vigias ou caseiros na área de praia. As meninas terão um serviço mais "limpo": servirão café, serão balconistas.

Estudarão para conseguir um contrato de trabalho, a carteira assinada, previdência social e direitos adquiridos. O estudo passa a ser primordial e gera a expectativa de poder competir em melhores condições no mercado de trabalho.

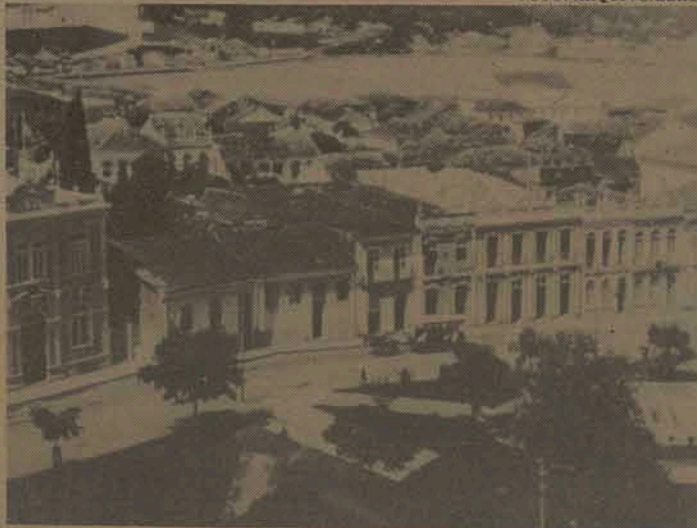
A expansão capitalista provocou intensa transformação a partir dos anos 60. As estatais, o crescimento de serviços no setor público, a própria Universidade, a Eletrosul, são fatores preponderantes no processo. Florianópolis cresceu de maneira assustadora e desordenada.

Reflexos

O homem precisou ceder seu espaço. O geográfico e o humano. Não se vê mais quintal e verduras, galinhas e gado solto; não se colhe mais café e não se planta mais algodão. A renda, antes exclusiva dos horários de lazer, perdeu em qualidade, passou a ser feita de um fio mais grosso, com menos pontos, menos trabalhada, e colorida porque o turista gosta. E turista é a fonte de renda, dinheiro para comprar aquilo que não se produz mais.

As pessoas passam a não ter mais tempo umas para as outras. Já se foi o tempo em que as mulheres fiavam o algodão e faziam renda juntas, conversando, trocando receitas. E os homens ficavam fazendo redes e arrastando peixes. Os tempos são outros e a mudança social é palpável. Já não há os mesmos homens sob o barulho do mesmo mar, no final de cada tarde. "...Depois, sob o manto da noite, algo cansados, penetram em silêncio nas linhas da história". (Alcides Buss)

FOTO: ARQUIVO/ZERO



No início do século, o transporte urbano era feito por bondes com tração animal, como aparece na foto da esquerda e os prédios mais altos eram casas assombradas. Poucas construções sobraram daquele tempo, como a casa de azulejos da praça XV, que aparece à esquerda nas fotos.

FOTO: SIMONE DIAS/ZERO



Peixe agora só pra pescueiro

Pesca artesanal: uma atividade condenada ao desaparecimento

FOTO: MARQUES CASARA/ZERO

Marques Casara

Há várias dezenas de anos, nas praias de nossa ilha, a pesca era muito diferente da praticada hoje. As traineiras, embarcações movidas a motor para a pesca da sardinha, ainda não existiam. Era o tempo da escravidão e os negros mais fortes e resistentes eram usados para a tarefa mais difícil: a pesca à baleia. Em frágeis embarcações a remo saíam mar adentro em busca dos grandes cetáceos. Quando a baleia era encontrada, a embarcação se aproximava, o homem atirava o arpão e mais do que depressa os remadores se distanciavam. Eles tinham que ser mais rápidos que o animal, que quando atingido debatia-se; e se o barco estivesse perto, certamente seria destruído.

Foi-se a escravidão e foram-se também as baleias, não por culpa dos pescadores pretos ou brancos, mas por interesses mais fortes: o das grandes empresas de pesca com suas enormes embarcações a motor e arpões de precisão mortal, que alvejam as baleias que passam por nossa costa. Poucas restaram, assim como os pescadores artesanais que colocam na água seus botes e saem para a aventura diária da sobrevivência. Se o mar está bom para a pesca, tudo bem. O problema é quando passam se-

manas sem uma boa coleta, que mal dá para alimentar a família.

Dos milhares de pescadores artesanais que habitavam a região de Florianópolis e tiravam seu sustento exclusivamente da pesca, são poucos os que continuam na profissão. As tradições, que tinham uma forte influência na comunidade, já estão no caminho do esquecimento. As excursões mar adentro, antigamente precedidas de um ritual religioso, hoje não passam da rotina diária em busca do sustento. O pescador Antonio Pereira, 68 anos, de Ponta das Canas, conta que nunca viu benzerem as embarcações. Ele tem a pesca como profissão porque é a única coisa que sabe fazer: "Os peixes estão sumindo. Antigamente era diferente, pescava-se só de canoa, não tinha os grandes barcos das empresas que levam toneladas de peixe de cada vez". Seu Pereira tem três filhos homens, casados, mas que não seguiram a profissão. O mais velho foi embora com a esposa para Blumenau trabalhar em uma indústria. Outro é pedreiro e o terceiro, Sidnei Pereira, 23 anos, trocou a pesca por um emprego de garçom em Ponta das Canas. Ele diz que abandonou a pescaria porque "não ia ter jeito de sustentar a família. Trabalha-se demais por pouco dinheiro, ganha mesmo quem tem condições de ser dono de um barco grande, para pesca em grande quantidade".

OS TURISTAS

Seu Pereira fala bem dos turistas. Para os pescadores "eles trazem dinheiro", alugam as embarcações para passeios e as casas para passar a temporada. "O turista ajuda o povo. Quem tem casa aluga, ou aluga os barcos". Sorte dele, que não entrou na conversa dos "estrangeiros". Eles já arremataram milhões de metros quadrados de terras nas praias a preços insignificantes, logo reduzidos ainda mais pela inflação, deixando os ingênuos pescadores na miséria, sem ter ao menos onde plantar para comer.

EXPLORAÇÃO

Segundo pesquisas feitas pela repórter Jeni Andrade, publicadas em uma matéria especial do Jornal de Santa Catarina do dia 29/30 de dezembro de 1985, na praia dos Ingleses, entre os anos de 1973 e 1985 foram feitas mais de 1200 transações de terras, sendo vendidos 8 milhões de metros quadrados, equivalentes a 25% de toda a área do distrito. O atual prefeito, Edison Andrino, que em 1985 presidiu a Comissão Extraordinária de Pesca Artesanal da Assembleia Legislativa, declarou à repórter que "o pescador é a categoria mais abandonada de toda a região. A situação é dura, em algumas praias irreversível. O pescador não tem mais terreno para o rancho, nem rede, nem barco. E já escasseia o peixe". Isso tudo apenas em uma das 42 praias de nossa ilha.

Os pescadores residentes na cidade, que até por volta de 1960 pescavam às centenas nas proximidades da ponte Hercílio Luz, abandonaram por completo a profissão massacrados pelo desenvolvimento. A poluição destruiu a fauna marinha e a rápida urbanização da Baía Norte, com a construção da avenida Beira-mar e em seguida uma outra avenida paralela, os deixaram sem saída, obrigando-os a buscar outras atividades. Alguns conseguiram empregos assalariados, outros tentaram a vida como camelôs ou fazendo biscates pela cidade.

"Os lavradores e pescadores trabalham para sustentar o povo, mas ninguém dá valor", comentou indignado Sebastião Souza, pescador há quase 40 anos no Pântano do Sul. "Pescamos a noite toda, às vezes saímos antes da meia-noite para voltar no outro dia lá pelas 11 horas, mas quem ganha mesmo é o intermediário. Um quilo de peixe, comprado do pescador a 60 cruzados, por exemplo, pode chegar a 150 no mercado, encarecido pelo atravessador". Sebastião acha que a solução poderia ser uma greve da classe, mas, segundo ele, "os

Ghegando da pesca

FOTO: CARLA CABRAL/ZERO

A colheita

FOTO: MARQUES CASARA/ZERO

Em Pântano do Sul

pescadores não têm força para promover um movimento, porque acreditam em tudo o que os grandes falam".

TAINHA

Nos meses de maio e junho o peixe é a tainha, que sai da Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul e vai até Cabo Frio, no Rio de Janeiro para a desova, viajando por uma corrente quente que sai da África e passa por essas águas. Os pescadores dedicam-se exclusivamente à sua captura, realizada nas traineiras — barcos especiais para a pesca da tainha — e nos ar-

rastões, onde o cardume é cercado com a rede e puxado para a praia. Mas até as incontáveis tainhas que trafegavam por aqui há alguns anos estão reduzidas consideravelmente. Raul Sebastião, 50 anos, pescador em Ponta das Canas, percebe que a cada ano diminui o número de tainhas capturadas por eles. Raul sabe que na época certa centenas de barcos pesqueiros de grandes empresas estão de prontidão em alto mar para pescá-las logo que comecem a viagem. "Tá sumindo cada vez mais, as empresas de pesca estão terminando com os peixes", lamenta.

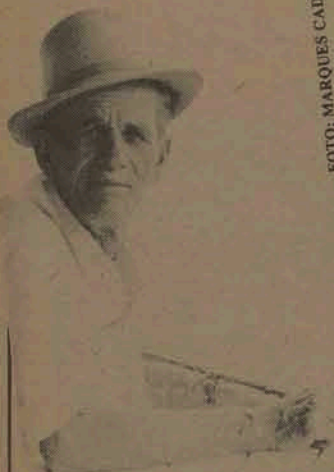


FOTO: MARQUES CASARA/ZERO

Antônio Pereira

Forte trava sua última batalha

Dauro Veras

O barco a motor sai da Ponta de Sambaqui, em Florianópolis, e uns 30 minutos depois se aproxima da ilha Ratones Grande pelo lado norte. Ela tem cerca de 800 metros de comprimento por 200 de largura. É cheia de palmeiras e de vegetação espessa, dando a ilusão de ser um daqueles refúgios ideais para os piratas dos tempos antigos. Na verdade, os únicos "piratas" que ali estiveram — pelo menos na concepção dos portugueses — foram os espanhóis, que em 1777 invadiram Florianópolis com cem navios e 12 mil homens. Tomaram todas as fortificações sem disparar um único tiro e permaneceram por um ano, até que saíram, pelos termos do tratado de Santo Ildefonso.

No lado norte, o paredão do que foi um dia o forte de Santo Antônio de Ratones domina a visão de quem chega. Hoje são apenas ruínas, mas tudo era muito diferente em 1740, ano em que foi construído pelo brigadeiro português José da Silva Paes, primeiro governador-geral da Ilha de Santa Catarina. A função do forte, junto com o de Santa Cruz (na ilha de Anhatomirim) e o de São José da Ponta Grossa, em Jurema, era impedir a entrada de invasores pela Baía Norte. No fim do século anterior ou início deste século — a data precisa não consta nos documentos históricos — a fortaleza foi abandonada. Desde então, a ação incessante da chuva e dos ventos foi decompondo as muralhas.

RESTAURAÇÃO

As pilhagens contribuíram



com o trabalho da natureza. Dos 14 canhões existentes originalmente, hoje há apenas quatro — os outros foram doados pelo Exército a vários municípios catarinenses, em um autêntico roubo. Desde 1947 os fortes dos arredores da Ilha de Santa Catarina estão tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mas muito pouco se tem feito para resgatar a memória dos tempos passados. Havia 11 fortificações, mas muitas desapareceram, outras ruíram.

Desde o ano passado a Associação Comercial e Industrial da Grande Florianópolis vem recolhendo dinheiro com os empresários para um trabalho de restauração do forte de Santo Antônio. A primeira etapa custou Cz\$ 1 milhão e já foi concluída. Consistiu em fazer a limpeza

do terreno e estabilização das ruínas. Foram feitos 60 metros cúbicos de muralhas.

A segunda etapa, de reconstrução propriamente dita, custará cerca de Cz\$ 2 milhões, e a Associação lançou oficialmente a campanha de coleta de fundos no último dia 28 de novembro, levando a imprensa para visitar a ilha. Um dos fatores incentivadores a curto prazo para a boa vontade dos empresários é a Lei Sarney, que concede incentivos fiscais às empresas que colaborarem financeiramente com atividades culturais. A médio e longo prazo, a Associação Comercial e Industrial pretende estimular um novo ramo de exploração turística, com conseqüente reflexo positivo nas atividades de comércio e indústria. O projeto de reconstrução do forte, a cargo da arquiteta

Maria Lúcia Viana Batista Borges, está sendo acompanhado de perto pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), para que as características originais sejam preservadas. "Sabemos exatamente como era o forte, através de documentos históricos", disse o chefe do escritório local da Sphan-Pró-Memória, Dalmo Vieira Filho. "Não temos a planta original, mas há relatos minuciosos sobre a edificação, como o feito em 1776 pelo brigadeiro José Custódio Sá e Faria", explicou.

TURISMO

Jogada no canto de uma das muralhas, uma lata de cerveja contrasta com o ambiente. É possível conciliar a atividade turística com a preservação dos monumentos históricos? Para Dalmo, sim. "Isso é feito no Egito e na

Grécia, por que não poderíamos fazer aqui também?" Ele acha importante preservar o potencial educacional dos monumentos e acredita que, com um trabalho permanente de conscientização, é possível evitar o turismo predatório. "Temos um projeto de comunicação visual para orientar os visitantes do forte", acrescentou.

Quando o prédio estiver pronto a intenção é instalar nele a estação ecológica de Carijós, que é dirigida pela Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema) e pela Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente (Fatma). A estação de Carijós abrange a área de mangues da Baía Norte, o mar e as ilhas. Existe um plano de fazer da ilha de Ratones parte de um circuito turístico a ser percorrido por escunas e veleiros. Para isso será necessário fazer algumas obras, criando infra-estrutura para embarque e desembarque de passageiros. Só o tempo dirá se tal circuito turístico poderá conviver pacificamente com o habitat.

Quando o barco retornava, circundando a ilha pelo sul, um lagarto que lagarteava tranquilamente na beira do mar nos olhou, desinteressado. Mal sabe ele sobre as intenções dos humanos a respeito daquele chão. A medida que a distância aumentava, era possível imaginar-se no lugar do navegador espanhol Albar Nuñez Cabeza de Vaca, que no século 17 batizou as ilhas pelo nome de Ratones — grande e pequena — pela semelhança que tinham com ratos deitados, quando vistas de longe.

As obras vão começar tão logo for possível conseguir alguma verba.

FOTOS: JANDIR NASCIMENTO



Matas nativas quase exterminadas

FOTOS: SABRINA FRANZONI/ZERO

Desmatamento indiscriminado ameaça a ilha

Luciene Abdo

A ilha de Santa Catarina vem sofrendo uma exploração indiscriminada desde a vinda dos primeiros imigrantes europeus até os dias atuais. As florestas locais foram desaparecendo: no início lentamente e, após a chegada dos colonos açorianos, na segunda metade do séc. XVIII, de um modo amplo em todos os locais que eram ocupados pela população que começava a se expandir.

Nem a vegetação de praia — dunas e restingas — fica isenta do desmatamento. Toda a extensão habitada da ilha, já foi, anteriormente, de vegetação nativa. Hoje, além de áreas ocupadas por loteamentos no litoral, há as pastagens para o gado no interior.

Atualmente, a agricultura ainda é a principal responsável pelo desmatamento em áreas não exploradas para projetos imobiliários. Surgem nos terrenos abandonados, onde o solo já perdeu quase toda a sua fertilidade natural, vegetações rasteiras denominadas "capoeira", "capoeirinha" e "capoeirão". Esta vegetação se destaca na Lagoa do Peri, Naufragados, Lagoa da Conceição, Morro da Costa da Lagoa e Morro do Ribeirão.

FOTO: ANTÔNIO GAUDÉRIO/ISTO É



Quem pune?

Destruição dos Mangues

O processo de desaparecimento da vegetação original atingiu também os mangues, que foram reduzidos. O mais alterado é o da Bacia do Itacorubi, devido às obras de infraestrutura rodoviária, saneamento, aterros e edificações. Desde 1949, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento executa drenagem no Rio Itacorubi, alterando o nível das águas em relação às marés. Como no Plano Diretor a área está qualificada como "Zona de

Urbanização", foi instalado o Complexo Administrativo Regional do Itacorubi — TELESC, CIDASC, PRODASC, assim como a ampliação da UFSC com o Hospital Universitário e outras instalações. Além disso, houve a duplicação da Avenida Madre Benvenuta e o "Aterro Sanitário do Itacorubi", que recebe mais de 130 toneladas de lixo de todas as espécies, alterando o leito do rio e diminuindo drasticamente a área do mangue.

Outro mangue condenado é o do Rio Rationes. Além das obras de drenagem, ele é cortado pela rodovia de acesso às praias de Canasvieiras, Jurerê e Ingleses, que modifica profundamente o curso dos rios da bacia, assim como suas águas em relação às marés, comprometendo o ecossistema.

Já o Mangue da Bacia do Rio Tavares teve sua área reduzida pelas obras do aeroporto, pela rodovia de acesso a ele e pelas pastagens para o gado.

O mangue do Saco Grande foi modificado pela rodovia SC 401, e a parte que ficou isolada já se encontra totalmente alterada pela urbanização e agropecuária, além de ser atualmente quase toda de vegetação herbácea.

Considerando-se o ritmo de urbanização de Florianópolis, a tendência é que os mangues mais próximos do centro da Capital sofram maiores alterações. Estas mudanças podem se dar tanto na redução de suas áreas como na contaminação de suas águas. Os mangues podem, inclusive, desaparecer completamente, caso não sejam tomadas medidas efetivas para recuperá-los e preservá-los. Para isto, é preciso impedir que sejam efetuados aterros para loteamentos de zonas balneárias, como foi o caso de Balneário Daniela, assim como outras obras que venham comprometer o ecossistema.

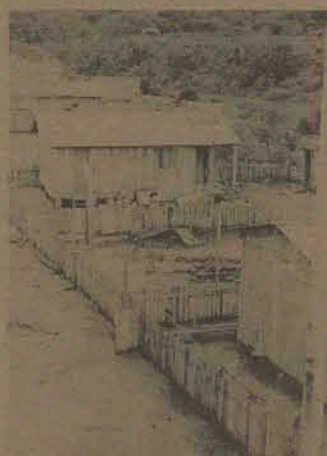


FOTO: ARQUIVO/ZERO

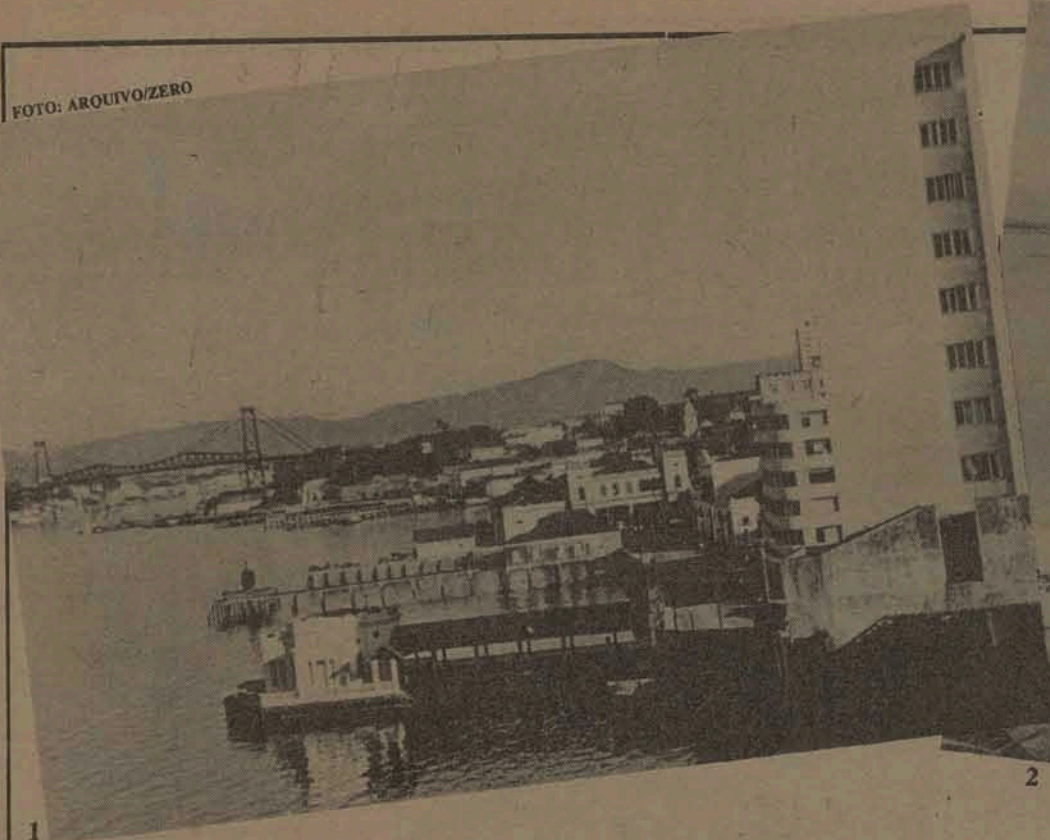
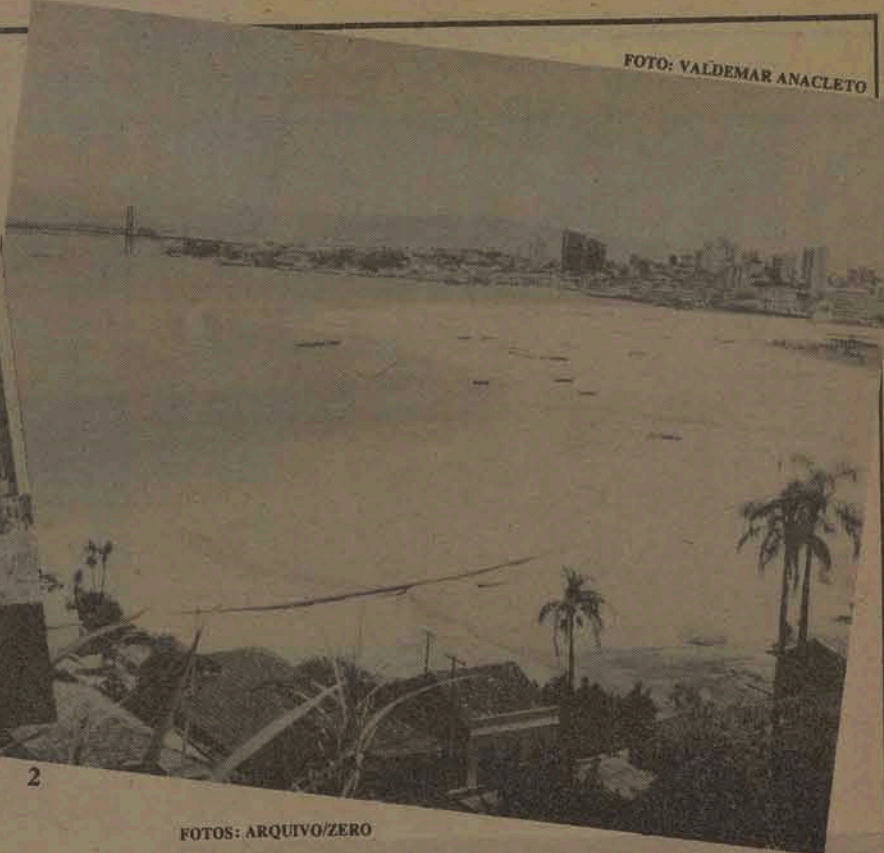


FOTO: VALDEMAR ANACLETO



FOTOS: ARQUIVO/ZERO



Aterro altera perfil da cidade

O aterramento da Baía Sul, que iniciou na prainha, tomou todo espaço do mar desde a ponta do Vinagre até o cais Rita Maria, engolindo a Ilha da Pólvora, um dos marcos de Florianópolis.

1 — O cais era o limite da cidade, 2 — 1970: o aterro da Prainha, 3 — Vista atual, 4 — Todo 1º plano é aterro, 5 — Setor Administrativo..., 6 — ... e como era em 1940, 7 — década de 70

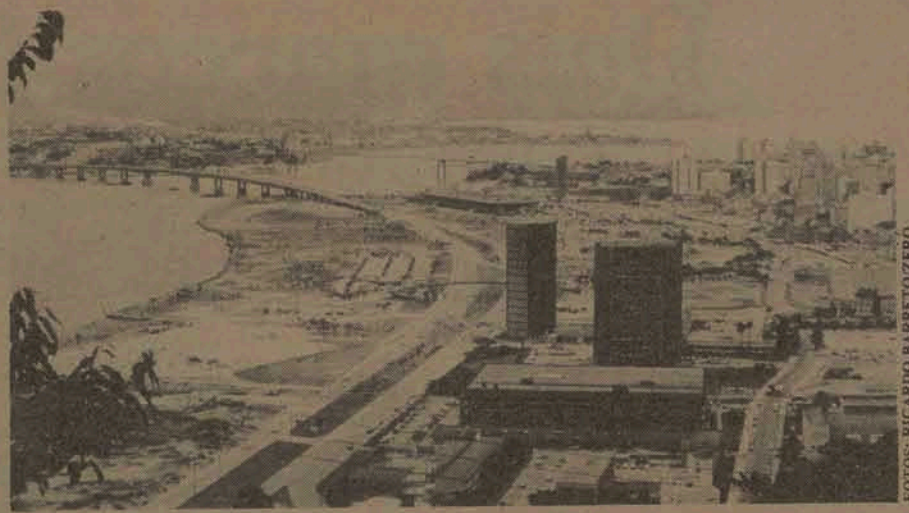


FOTO: RICARDO BARRETO/ZERO





Vista do Morro da Cruz, 1970 e...



em 1987

FOTOS: RICARDO BARRETO/ZERO

Interesses militares ajudam na povoação

Arley Machado

O povoamento de Santa Catarina iniciou em 1673 através do porto que oferecia abrigo às embarcações. No início as casas se localizavam em torno da catedral construída pelo fundador, o paulista Francisco Dias Velho, e desciam até a praia. O largo da matriz foi o centro de onde se originaram as ruas para os lados e para os fundos.

Um pouco mais tarde, em função dos interesses militares do governo português, muitos fortes foram construídos: Forte Santa Cruz do Anhatomirim (1739), Forte São José da Ponta Grossa (1740), Forte de São João (1793) e o Forte de Nossa Senhora da Conceição (1742). Nessa época, além dos militares que vinham ocupar os fortes, Portugal incentivou a imigração de açorianos para aumentar a população da ilha. É o início da formação da cidade.

No início de sua ocupação, o Desterro seguia as normas urbanísticas impostas pelas Ordenações (coleções de leis promulgadas pelo rei). A igreja ocupava um lugar privilegiado, com sua praça fronteiriça e as ruas e caminhos foram construídos em função desse núcleo central.

Em 1822, com a Declaração da Independência do Brasil, o Desterro foi elevado à categoria de cidade e nessa ocasião houve a primeira iniciativa de urbanização com a marcação do perímetro urbano. Nessa marcação houve interesses fiscais e não o reflexo

da expansão da cidade. Com a transferência da capital (Lages) para a ilha, iniciou-se um período de prosperidade. Foi projetada uma estrada ligando Desterro a Lages para haver maior integração ao Planalto Catarinense.

Em 1876 o Plano Urbano atendia ao aumento da população com a transformação dos caminhos em ruas e aberturas de novas vias públicas. Já antes, em 1845, com o abandono do plano inicial de quadras retangulares, estabeleceu-se nas vizinhanças da cidade (Baía Norte), as chácaras que poucos privilegiados possuíam. Com a partilha hereditária ou com o lucro da divisão das terras para venda, o plano urbano recebeu alguns acréscimos, mas os ricos proprietários criavam dificuldades à sua expansão e as ruas paravam ou mudavam de direção quando encontravam chácaras de pessoas influentes.

DESTERRO VIRA FLORIANÓPOLIS

Com a Proclamação da República em 1899 e as resistências locais, há um período de estagnação no desenvolvimento da cidade. Neste período, a alteração mais significativa foi a mudança do nome da cidade de Desterro para Florianópolis, o que aconteceu a partir da "vitória" das forças comandadas por Floriano Peixoto.

Em 1945 Santa Catarina elabora sua primeira tentativa de planejamento urbano intitulado de "Plano de Obras e Equipamentos" (POE), que só foi transformado em Lei em 1955 e im-

plantado em 1956.

Os anos 60 foram expressivos na evolução urbana de Florianópolis, pois o crescimento populacional foi maior que nas décadas anteriores. A instalação da Universidade Federal foi um fator fundamental para esse crescimento.

CÓDIGO MUNICIPAL

O primeiro documento que regulamentou a ocupação do solo em Florianópolis foi um Código Municipal elaborado por Demétrio Ribeiro, Edvaldo Paiva e Edgar Graeff em 1945. Esse código continha algumas leis que previam a ocupação da parte central da ilha e continente.

Somente em 1976, vinte e um anos mais tarde, foi aprovado o primeiro plano diretor. Previsto por Felipe da Gama Lobo D'Eça para todo o município, demorou oito anos para ser aprovado apenas para o continente e centro da ilha até o Morro da Cruz. O traçado do plano proposto ignorava a topografia do terreno e felizmente não foi implantado. Mais tarde, em 1982, o IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis) estendeu esse plano ao Morro da Cruz, Agrônoma e Trindade. Esse plano ficou conhecido como Plano da Trindade. Junto com o plano dos balneários, em 1985, o IPUF fez uma revisão do Plano Diretor Central elaborado por Gama D'Eça.

Em 1986 houve a consolidação dos planos diretores, e agora uma única legislação regulamenta a ocupação do solo em Florianópolis.



A Ilha parece...



avancar cada vez mais...



em direção ao Continente

Dois marcos fundamentais

Aqui, as transformações do Caridade e Matriz, dois marcos fundamentais de Florianópolis.



FOTOS: ARQUIVO ZERO



FOTO: SIMONE DIAS/ZERO

FOTO: TINA YOSHIZATO/ZERO



População cresceu dez vezes

FOTO: PEDRO DOS SANTOS

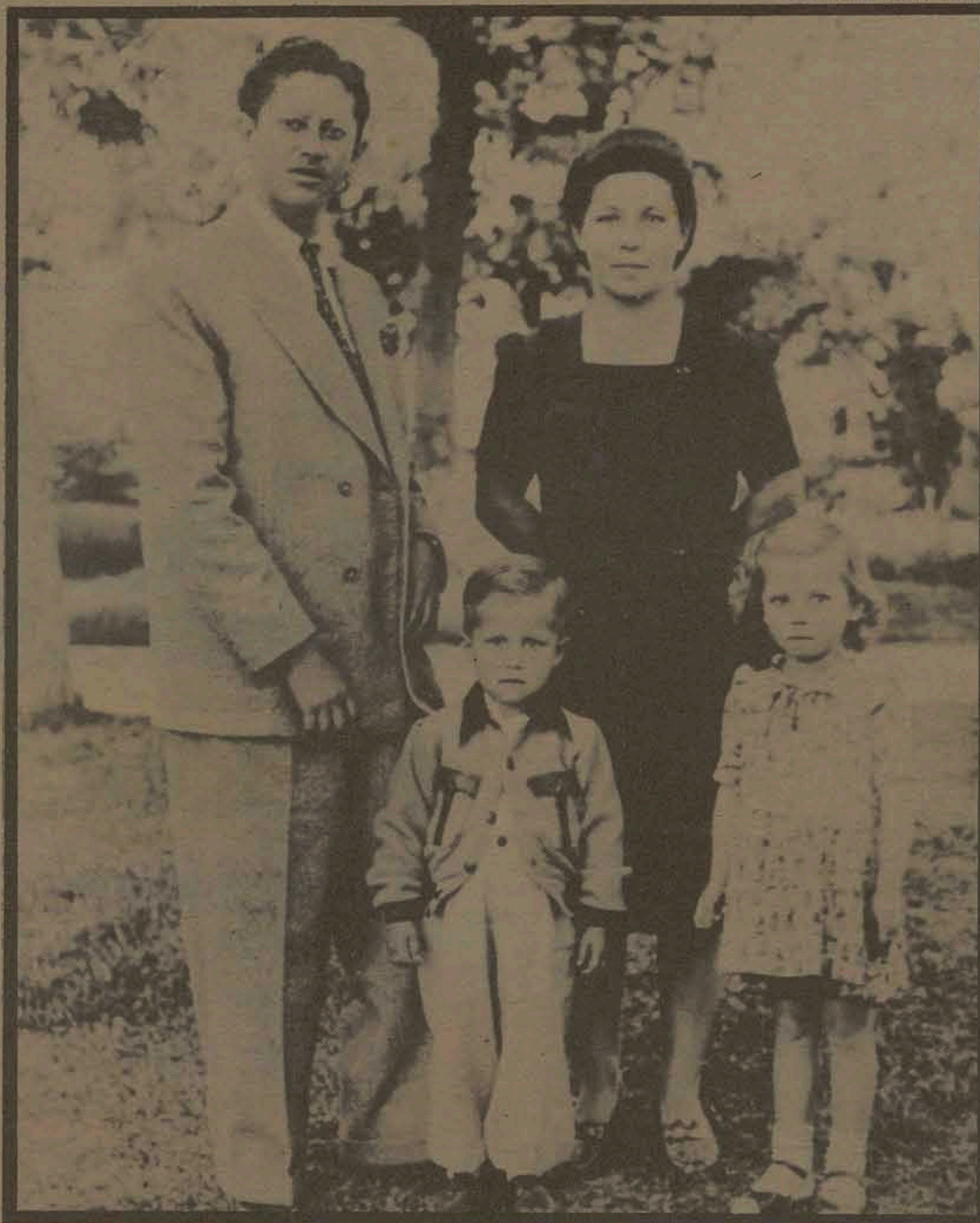
Esse aumento aconteceu nos últimos 50 anos

Sônia Bridi

Há pouco tempo uma revista de circulação nacional classificou Florianópolis como última capital provinciana do país, onde ainda resistem costumes como levar o passarinho para passear com a família. O que diria a revista se soubesse que de 1940 pra cá essa cidade ficou cinco vezes maior? E que esse crescimento não tem nada a ver com evolução industrial? Ou ainda: que há menos de 50 anos a capital era tranqüila cidade com 40 mil habitantes, com mais da metade vivendo fora da área urbana?

Mesmo que de uma forma precária, é possível descobrir algumas coisas sobre essa província através dos censos realizados pelo governo. Até 1940 esses censos eram feitos de vinte em vinte anos. Depois, de dez em dez. As publicações mostram não só a evolução da sociedade, mas também a evolução da forma da pesquisa. O recenseamento de 1920 foi feito pela "Diretoria Geral de Estatística", órgão que hoje se transformou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — o IBGE. É um trabalho pequeno, com páginas numeradas em algarismos romanos e com preciosidades lingüísticas como "Sacco dos Limões", "Cannasvieiras" ou "Santa Catharina". Cientificamente ele é bastante limitado, mas abrangente o suficiente para que se tenha uma idéia de como era a Florianópolis (sem acento gráfico) da época.

Em 1920 os recenseadores não se preocupavam em saber o nível de instrução dos 40.252 habitantes de Florianópolis. Mas consideraram importante registrar que a cidade tinha 7.452 edificações, entre elas um prédio com quatro pavimentos, 16 com três andares, 173 com dois e 26 assobradados. Sem dúvida um grande progresso para um município que 20 anos antes,



na virada do século, tinha apenas três mil habitantes. Entre as décadas de 20 e 40 a população pulou para 46 mil habitantes, mas o recenseamento teve um crescimento qualitativo muito grande. Os domicílios passaram a ser classificados de forma social através da sua natureza: próprio ou alugado. Nessa época, 60% dos florianopolitanos residiam em casa própria. Os outros eram inquilinos. Em 1980 essa proporção subiu para dois proprietários para cada inquilino.

Através do recenseamento de 1940 podemos deduzir que em 1920 a maioria da população de Florianópolis não sabia ler nem escrever. Em 1940, 45% dos florianopolitanos eram analfabetos. Hoje (dados da Fundação Educar e Prefeitura Municipal de

Florianópolis em 1986) os analfabetos são 13%.

Um dado interessante, que reflete a forma da vida da época, é a participação feminina na educação. Na Florianópolis de 1940, as mulheres eram em maior número que os homens nas salas de aula do elementar e no curso médio (a população feminina da cidade sempre foi maior que a masculina desde que se tem registro) mas caiu assustadoramente no superior, idade em que as moças casavam e abandonavam os estudos. Em 1940, apenas 15 mulheres cursavam ou haviam cursado nível superior na cidade, contra 276 homens. Em 1980 o perfil é outro: são 4.380 mulheres e 6.299 homens com nível superior.

A divisão entre a popula-

ção urbana e rural também não foi feita no censo de 1920.

Mas há uma relação da população da sede do município e dos distritos da Santíssima Trindade, Saco dos Limões, Canasvieiras, Cachoeira, Lagoa, Rio Vermelho, Ribeirão e Santo Antônio. Dos 40.252 habitantes, 18.500 viviam na cidade. Os outros 21.752 moravam nos distritos e se dedicavam à agropecuária e à pesca. É bom lembrar que, sem estradas, esses distritos (hoje dois deles são bairros) ficavam praticamente isolados da sede. Em 1940, 1.049 estabelecimentos rurais foram recenseados pelo Censo Agrícola. Já então ficou evidenciada a predominância de minifúndios, uma característica do tipo de colonização. A maior propriedade tinha me-

nos de cem ha., e era a única com mais de 50 hectares. Esses agricultores se dedicavam principalmente às culturas de cana de açúcar, café, banana e mandioca. Nenhuma muda de trigo foi plantada em Florianópolis em 1940, porém os agricultores, de origem portuguesa, conservavam os mesmos hábitos do Brasil-Colônia. A pesca não foi mencionada. Florianópolis chegou em 1980 com apenas 1% da população (1.800 pessoas) se dedicando à agropecuária e à pesca.

A julgar pelo censo de 1920, casar em Florianópolis era bom negócio e investimento de felicidade permanente. Não há nenhum caso de separação na relação de estado conjugal, simplesmente porque isto não foi pesquisado. No censo de 40, entre divorciados, separados e desquitados surgem três mil pessoas. Quase 10% de uma população onde a grande maioria (87%) declarou professar a religião católica apostólica romana.

Não há também registro anterior a 1940 da divisão por atividades dos profissionais florianopolitanos. Quando foi feito, o levantamento mostrou que a principal atividade era a agropecuária, seguida da indústria de transformação, do comércio e serviço público, defesa nacional e segurança, que somados ultrapassam o número de trabalhadores na principal atividade, a agropecuária. Em 1980 a indústria de transformação passou a ter representação inexpressiva, e as principais atividades deslocaram-se para a prestação de serviços, comércio e o serviço público.

Entre 1940 a 1980, a população de Florianópolis passou de 46 mil para 187 mil habitantes oficiais. O responsável por este aumento populacional em quase cinco vezes, foi o fluxo migratório. Somente entre 1970 e 1980, 67 mil pessoas chegaram à ilha, fixando residência no município. Dessas, 26 mil vieram do interior de Santa Catarina. As outras deslocaram-se de todos os estados e territórios do Brasil. O maior número de migrantes veio do Rio Grande do Sul: 4.200 seguido pelo Rio de Janeiro, com 2.800, Paraná, 3.100 e São Paulo com 2.300.

AQUI HAVIA UM CAIS



FOTOS: ARQUIVO/ZERO



Ex-Rita Maria

O mar, sempre
recuando, deu
lugar à rodoviária
e a uma avenida.



FOTO: KARIN VÉRAS/ZERO



A história viva de Florianópolis

FOTOS: KARIN VERAS/ZERO

Quem se lembra do tempo em que Florianópolis não tinha luz, água encanada, nem ônibus ou apartamentos? E "Nosso Senhor dos Passos", da irmandade mais antiga da ilha, era quase tão rico quanto o governo. Tempo em que "muito moço" trabalhava na roça e vinha a pé trocar os réis obtidos no escasso comércio da cidade. Tempo em que Beira-mar era o nome de um restaurante ao redor do qual os "banhistas" se aglomeravam. Onde o lazer ficava por conta das festas particulares, das domingueiras e das festas religiosas; além do Boi-de-Mamão ou Boi-na-Vara. Daquele tempo permaneceram poucas tradições, como a Festa da Laranja "que sempre cai em lua cheia". Quem se lembra?

Karin Veras

A memória da 'velha cidade' está viva, porém esquecida nos asilos, nas ruas, no abandono. Pois a 'nova cidade' já não tem lugar para lembranças. Esquecem que ela só existe através de quem fez a história e tem história pra contar. É o caso do ilhéu Manuel Vicente Fraga que com 78 anos demonstra grande lucidez e conserva sua religiosidade como só os antigos.

O asilo Irmão Joaquim situado na Mauro Ramos, é um casarão composto de grandes salas e dois lados bem distintos: o feminino e o masculino. Encaminhados pela irmã Áquila encontramos Manuel jogando distraidamente uma partidinha de dominó. Ele logo mostrou um largo sorriso e nos levou até seu quarto, um minúsculo aposento onde

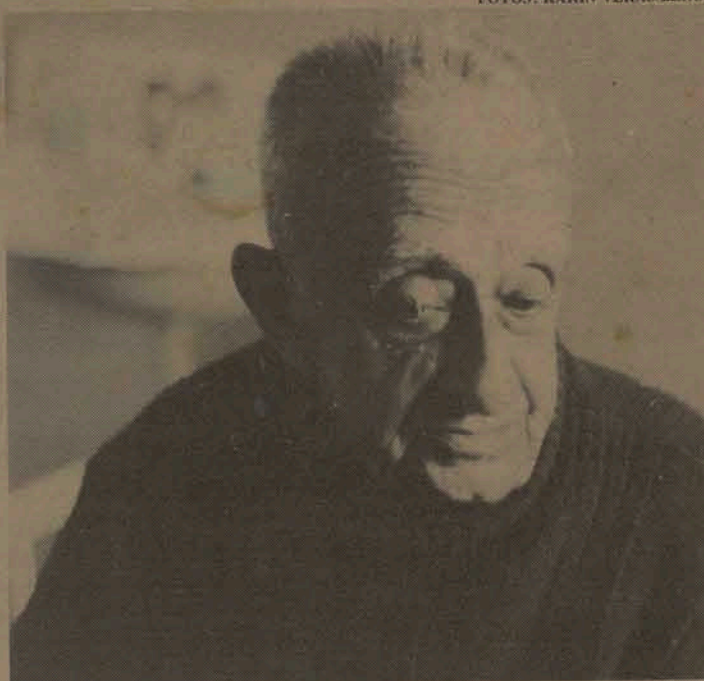
um altar com várias estatuetas e imagens de santos disputam lugar com o restante da modesta mobília. Ali tivemos uma verdadeira aula de história. A história recente de Florianópolis confunde-se com a própria história de seu Manuel.

Nascido em 1909 no Itacorubi, ele relembra que os meios de transporte e comunicação eram quase inexistentes. Ele que trabalhou a vida inteira, quase não recebe visitas. Por isto, fica contente em poder conversar e contar que "agora a vida está mais ruim, embora haja mais facilidades".

SÍTIOS

Acompanhando a evolução da cidade desde o início do século, Manuel nasceu no tempo em que Trindade e Itacorubi eram sítios. Neste último bairro ele nasceu e se criou até a morte do pai. Foi quando veio trabalhar na cidade. Tinha 19 anos e havia cursado até o 3º ano em escola particular, isto porque seu pai ainda tinha condições. Ele lembra que a necessidade e a distância faziam com que, naquela época, a maioria dos moços trabalhassem na roça ou na pesca e, desta maneira, ficavam impedidos de estudar.

A mãe de Manuel fazia rendas de bilros e morreu depois do marido. Suas 3 irmãs também já morreram. Hoje, o velho morador da ilha não



Seu Manoel

tem parentes. Só um afilhado que vem lhe visitar algumas vezes. E vive de mínimo salário (ou vice-versa) deixado por Oswaldo Lolati — dono da última casa em que trabalhou. Além de receber do INPS, que ele mesmo recolheu, a quantia de aproximadamente 1 mil cruzados.

Orgulhoso, seu Manuel conta que foi caseiro de muita 'gente importante'. Trabalhou na casa do desembargador Medeiros Filho, diretor do Hospital de Caridade. Trabalhou também, na casa do Dr. Rótulo, fundador da Casa de Saúde São Sebastião.

DIVERSÃO

O carnaval, não faz dez anos, era realizado ao redor da Praça XV. No começo só haviam blocos. As primeiras Escolas de Samba foram: Protegidos da Princesa, Copa Lorde, Filhos de Luão, Tiramão (da polícia) e Briga quem Pode (da família Daux). No sítio, carnaval era sinônimo de baile e só se dançava com máscara. No governo Nereu Ramos vieram os carros alegóricos. Diabo-a-Quatro, hoje Tenentes do Diabo, é a sociedade mais antiga e tinha seu galpão atrás do atual Lira Tênis Clube, vencendo concursos carnavalescos durante vários anos se-

guidos.

O Clube 12 de Agosto — "só de rico" — ficava na rua João Pinto, onde aconteciam memoráveis bailes. Também nas casas particulares a gaita, o violão e o cavaquinho faziam a diversão da época. Seu Manuel não dançava, "ia só espiar" porque "tinha uma irmã dançadeira". Naquele tempo não se ia constantemente à praia. "Tenho raiva de praia", diz o velho ilhéu: "esta mania foi inventada de uns 10 anos para cá".

As procissões e festas religiosas eram muito mais frequentes. Havia a procissão de São Sebastião, de Santa Terezinha, de Nosso Senhor dos Passos, sendo que a maior festa era a de Nosso Senhor dos Passos.

As primeiras igrejas foram Menino Deus (Hospital de Caridade), São Francisco (no centro) e Nossa Senhora do Rosário, construída por escravos no Estreito. Na igreja Menino Deus ainda existe a imagem de Nosso Senhor dos Passos, de mais de 200 anos. Era a 'Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos' que recebia mais doações e diversos tipos de pagamento de promessa. Por este motivo seu Manuel afirma que o Senhor dos Passos, depois do governo, é a pessoa mais rica de Florianópolis.

VIDA PORTUÁRIA

A vida da cidade girava em torno do mar — conta Manuel, com os navios chegando na Rita Maria (hoje Supermercado Imperatriz). Ele lembra o nome de 3 navios: Hoepke, Ana e Max. Os dois primeiros faziam percursos maiores e o último ia até Laguna. A Capitania dos Portos ficava em frente ao Hospital de Caridade.

Onde está o Palácio do Governo ficava o 'Campo do Manes' — lugar pantanoso porque a água do mar batia ali. Seu Manuel lembra que ao longo do grande trapiche muitos bêbados e malandros se afogavam: "Tinha muita malandragem e cada vez tem mais". Onde hoje é a Praça da Bandeira ficava o Largo 13 de Maio.

"Essa noite berrou uma vaca. Isso foi moça que fugiu". Estas palavras eram típicas na época de juventude dos velhos de hoje. Porque quando não se contentavam com os namoros na janela ou dentro de casa, os namorados fugiam: "Roubavam muita moça de noite", conta seu Manuel. Já os que quisessem namorar certinho, contentavam-se em dar uma voltinha de vez em quando, acompanhados dos pais da moça.

TRANSPORTE DE BURRO

O primeiro transporte coletivo da ilha foi o bonde, puxado por burros, um carro grande e aberto. Havia um ponto na Agrônômica, e o ponto final era na Praça XV. Havia também as charretes puxadas por cavalos, onde aparecia a figura do coxeiro: era transporte para casais. O primeiro ônibus chamava-se Canarinho (hoje é o Farofinha...) e parava nos mesmos pontos do bonde.

"A cidade sempre foi bonita e mais bonita está", declara seu Manuel com amor à Ilha. Para ele, a beleza está na evolução arquitetônica, embora reconheça que antes havia mais originalidade e que a verticalização "acabou com o brilho da cidade", afastando o sol.



Na Praça XV

FOTO: SABRINA FRANZONI/ZERO

Benzedeiras: o remédio infalível



FOTO: PAULO BRITO/ZERO

onde invocam a Virgem Maria, e a pessoa se alivia da carga negativa. Também a Arca Caída, doença que atinge bebês recém-nascidos, faz parte do campo de ação da benzeadeira.

Sinhá França

Francelina Santana, 78 anos, reside em Ponta das Canas desde que nasceu, e foi lá que começou a praticar a benzedura, há 50 anos. Com uma verruga na testa, e um ar de quem está constantemente preocupada, ela adverte para o perigo das bruxas, que tanto podem ser criaturas noturnas, quanto mulheres idosas. Conta que a fé é imprescindível a toda benzeadeira. De fato, é preciso muita paciência e peregrinação.

Nesta comunidade, ainda existem engenhos de farinha, e Francelina, enquanto confecciona colchas de retalhos, espera os meses apropriados para a produção de farinha — maio a junho. Para ela, ajudar no engenho é um tanto desgastante devido à idade, mas a farinha é uma fonte de renda. O café, tomado todos os dias durante a manhã, é feito por ela. Sinha França, apelido dado na comunidade, ensina como produzi-lo: depois de colhidos, os grãos precisam secar ao sol. Na segunda etapa os grãos são amassados com o pilão, em seguida colocados em um grande prato de barro, para torrá-los sobre o fogão à lenha, que ela ainda conserva intacto. Por último, peneirar. Francelina sempre repete este processo e garante que o seu café tem qualidade: "É natural", confirma.

Ela não se considera uma benzeadeira de mão cheia, mas afirma ter ajudado todas as pessoas que a procuraram desde o início da prática da benzedura. Suas mãos evidenciam uma vida rude e difícil, "minha filha, a gente se doa muito", acrescenta.

O desenvolvimento destas pequenas comunidades trouxe muitos benefícios para a população interiorana. Estradas asfaltadas, escolas e postos de saúde, são alguns exemplos. Os médicos, com isso, são constantemente procurados, mas a comunidade exige um ritual, provando que apesar do aparecimento da medicina "oficial", as benzeadeiras ainda são procuradas, e o mais significativo é que a confiança de uma boa cura é sempre depositada nessas mulheres.

Mulheres da Ilha: hábeis benzeadeiras

Carla Cabral

Um mal estar súbito, uma criança que emagrece rapidamente ou uma pescaria que não deu certo: são sinais de embruxamento. Nas comunidades do interior da ilha aparece a figura da benzeadeira, para resolver esses problemas. A palavra embruxar ou "empresar" significa atacar uma pessoa com um determi-

nado mal, praticado por um agente qualquer, uma bruxa, por exemplo.

A benzeadeira tem poderes de curandeirismo, uma medicina rústica, primária, e com o conhecimento das ervas medicinais prepara remédios para a comunidade. As mulheres têm mais facilidade para este tipo de trabalho, devido à sua intensa ligação com a casa. Assim os objetos usados pela benzeadeira, entre tantos apetrechos da cozinha, são copos e brasas de fogão à lenha.

O seu auxílio é requisitado quando existem momentos de crise. Uma criança está doente, muito magra e com manchas arroxeadas no céu da boca e pescoço. A benzeadeira conclui que ela sofre de embruxamento, e aconselha à mãe que coloque dentes de alho — em números múltiplos de 3 — embaixo do travesseiro da criança. Alguns dias depois, o embruxado melhora, pois as bruxas têm aversão ao alho. Esta planta era muito usada, também, pelas pessoas que precisavam caminhar longas distâncias mato adentro. O mato é o refúgio das bruxas, e o alho, mastigado e nos bolsos, aliviava o medo da população.

Para curar "quebração", o conhecido mau olhado, as benzeadeiras usam um copo com água, jogando três brasas dentro. Fazem uma reza,



ILUSTRAÇÕES: FRANKLIN CASCAES





HÍBRIDOS

Carlos A. Locatelli

Florianópolis continua quase a mesma. Quase, porque o Cruz e Souza foi pintado de vermelho na virada do século, o Morro da Cruz transformou-se numa enorme pedreira e a ponte Hercílio Luz caiu durante a cerimônia de comemoração do seu centenário. A Figueira da Praça XV também mudou. Da imensa árvore só restam cinzas, fruto de um torcedor avaiano exaltado com a conquista do estadual, após um jejum de 50 anos. Mas a Felipe ainda está aí, com o Senadinho, cheio de gente sem fazer nada. Só falando em política e olhando as mulheres nuas que passam.

Talvez a maior mudança ocorrida em meio século tenha sido a vinda dos híbridos para a ilha. Mistura de homem e macaco, essas maravilhas, concebidas nos laboratórios de genética no fim da década de 90, substituíram os ilhéus nos trabalhos mais pesados. Eles dirigem ônibus, catam lixo, dão aulas, servem café, estão na Polícia Militar, e, com paciência, aprendem os serviços domésticos. A vida ficou uma moleza. Apesar do esgoto, Canasvieiras nunca esteve tão lotada.

Eles são, segundo o Sindicato Livre dos Trabalhadores Híbridos, mais de 150 mil. Só o Governo do Estado possui 100 mil na ativa, mais alguns fantasmas e outros marajás. O sistema de trabalho lembra as antigas senzalas, que existiram nos tempos da escravidão no final do governo Pedro Ivo

Campos. Vivem em barracões, com cama, comida, roupa lavada e, às vezes, passada. Diversão só quando tem baillão no Lagoa Iate Clube.

Há tempos que não tinha greve em Florianópolis. A última já iam dez anos, feita pelos marajás para conseguir estabilidade em cinco empregos. O governo ainda tentou negociar com o comando de greve, alegando que o momento era de trabalho, de união nacional. O País estava indo pela trigésima vez ao FMI, e dessa vez as metas precisavam ser cumpridas. Além disso, talvez os bolivianos fossem passar a temporada em El Salvador, ficando o turismo da cidade somente com os paraguaios. Mas eles permaneceram firmes. Querem estabilidade no emprego, carteira assinada, INPS, FGTS, PIS, FINSOCIAL, décimo-terceiro, férias, o congelamento de preço da banana e da cachaça.

O movimento híbrido explodiu num comício nas escadarias da Catedral terminado em passeada pela Tenente Silveira, Calçadão, Conselheiro Mafra. Tudo ao som de Geraldo Vandré e de "híbridos, unidos, jamais serão vencidos". No terceiro dia os professores e servidores estaduais se solidarizaram com a greve, alegando que um "passado histórico de lutas" os unia aos híbridos. A mando do Governador, a PM desceu o pau nos manifestantes. Um milico, vinte híbridos e dois servidores saíram feridos. O vendedor de cachorro-quente da esquina da Catedral teve seu carrinho quebrado na confusão.

A escalada da violência continuou. Um cobrador-híbrido que fazia a linha Centro-Coqueiros foi linchado pela multidão. Os taxistas aderiram à greve, protestando contra o novo aumento do preço dos combustíveis. As pontes Colombo Salles, Pedro Ivo Campos e Lucy Choinaski são fechadas pelos manifestantes. Um depósito de bananas é saqueado no Morro do Mocotó, e seu proprietário preso durante três dias num banheiro.

O governador ainda tentou acalmar a situação falando, antes da novela das oito em cadeia de TV, a todos os catarinenses natos, importados ou hibridizados.

Só um mediador hábil poderia conseguir um acordo. Veio, então, do ABCDEFG paulista, onde estão os maiores sindicatos de híbridos do País, o ex-pugilista Adilson "Maguila" Rodrigues. Maguila, após largar o box, cursou Direito e dedicou-se às causas entre os híbridos e os homens. Ele tinha a simpatia dos híbridos nacionalistas devido à sua vitória esmagadora contra o atual presidente norte-americano Myke Tyson.

A primeira reunião foi marcada para o TRT. Mas os híbridos queriam o jogo em seu campo. Assim, na quadra da Escola de Samba Unidos da Hibridação, a reunião saiu. Só que o acordo não. O Governo não cedeu em nenhuma das exigências. Um outro encontro foi marcado para o dia seguinte. Finalmente, entre um gole de cana e outra banana, Maguila, que também é imortal da Academia Brasileira de Letras, anunciou em edição extra do Jornal Nacional, que a greve acabara. Os híbridos voltaram ao trabalho sem muita coisa, mas pelo menos a banana e a cachaça não aumentariam por seis meses.

A capital catarinense voltou ao normal. Aposentados sentados sob os eucaliptos na Praça XV, engarrafamento nas pontes, ônibus lotados. Na Assembleia Legislativa, os deputados aprovaram mais um aumento para seus salários enquanto o Governador dava uma olhada na lista de demissões dos híbridos grevistas.



DOCUMENTO



ORIGEM



1866



1966



1974



1986

DESENHO: ALDO NUNES OFICINA DE ARTE CIC



FOTO: RICARDO BARRETO/ZERO



O pioneirismo de dois antigos fotógrafos da ilha.

Nas fotos de Valdemar Anacleto e no relato de Nestor Fernandes

Karla Bastos

Um homem com pouco mais de 20 anos passava em São João, quilom com uma tropa de 120 bois, há quase 50 anos atrás. Alguém lhe disse que ali morava seu primo-irmão e ele dirigiu-se à sua casa. O primo mostrou-lhe sua parafernália fotográfica e as vantagens de trabalhar sem “fomefrio-x fora-de-casa”. O tropeiro ficou deslumbrado com sua própria imagem no papel e o fotógrafo ofereceu seu equipamento (máquina 18x24, copiadeira, fórmula para revelação e esmaltadeira), por 2 contos de réis. Era o preço de mais da metade de sua tropa, mas o moço não resistiu. Junto com sua preciosa aquisição ele chegou em casa com algumas poucas instruções escritas. Faltou para a mulher que agora ficariam ricos.

Esta história é a de Nestor Fernandes, hoje com 74 anos, e que considera a fotografia como mais importante que o fotógrafo, “porque tem fotógrafo que nem sabe de fotografia”.

Quando voltou à cidade de

Lauro Müller, decidido a ser fotógrafo, não foi nada fácil descobrir os segredos mais preciosos da nova profissão. Dona Lina, sua companheira há 52 anos, que nesta época já tinha 5 dos 7 filhos, conta que “suaram” bastante até que achassem o tempo certo de exposição do negativo à luz e descobrissem que deviam eliminar qualquer fresta na casa de madeira para trabalhar totalmente no escuro. Até aí Seu Nestor teve que vender galinhas, os porcos e o gado, para financiar o material fotográfico importado. Não havia ninguém que o ensinasse a lidar com tudo aquilo e por sugestão da esposa comprou um pequeno manual de fotografia em Tubarão. Começou então a fotografar “pessoas, monumentos, vento (papel solto no ar) — como ele mesmo descreve. Trabalhou sete anos em Lauro Müller fotografando festas e fazendo reportagens, geralmente encomendadas por políticos. Ele confessa, orgulhoso, que já fotografou cinco presidentes da República, entre eles Getúlio Vargas e Nereu Ramos. Irineu Bornhausen, avô

do senador Jorge, convidou seu Nestor para trabalhar no Palácio do Governo, mas ele não aceitou. Preferiu preservar sua autonomia. Voto para Florianópolis em 56 e montou “Foto Nestor”, no ponto final do ônibus Canto, onde utilizava máquinas de diversos tamanhos: 24x30, 18x24 e 13x18 (para chapados de fora). Os trabalhos mais solicitados eram as fotos 3x4 além das 5x7 preferidas para os galanteios entre namorados, que se apresentavam mutuamente.

Alguns dos trabalhos deste fotógrafo foram feitos na Serra do Rio do Rastro, onde a estrada era só um risco no meio do mato. Dona Lina ficava pendurada num cipó para conseguir os melhores ângulos, enquanto ele a segurava para que não caísse. Infelizmente todos estes negativos foram perdidos num incêndio no “Foto Nestor”.

Artesanal

Era a esposa, Carolina Fernandes, e os filhos, que ajudavam na produção das fotos. Elas tinham um picote característico. Além disso, era feito um trabalho verdadeiramente ar-

tesanal para colorir as fotografias caso o cliente assim o preferisse. Eram pintadas a óleo, com cotonete (palito e algodão), e o excesso era limpado com gasolina. Ainda faziam retoques nas fotos preto e branco com ‘matolén’. Quando não eram coloridas as fotos ficavam prontas em 24 horas. Caso contrário o prazo de entrega era de dois dias.

Agora, o casal está aposentado. O fotógrafo anda um pouco esquecido e doente: de vez em quando vai ao hospital aspirar oxigênio. Gosta muito de falar sobre seu passado e admira as pessoas que trabalham no sentido de resgatar a memória de um lugar.

Hoje trata a fotografia como a terceira descoberta mais importante do mundo, precedida pelo satélite e pela física, e diz que a “melhor luz é a mente”. Só lamenta que no mundo de hoje falte o romantismo, ainda cultivado por ele. “Ela é a mulher mais linda do mundo, e só fico pensando no dia em que vou ter que deixá-la”, diz seu Nestor, confessando seu amor a Dona Lina.

FOTO: NESTOR FERNANDES



FOTO: NESTOR FERNANDES

